

Rev.

1195



M

ANO LXVI

— N.º I —

JANEIRO DE 1914

# Revista Militar

2.<sup>a</sup> Época

FUSÃO da Revista Militar, Revista do Exército e da Armada  
Revista da Administração Militar e Portugal Militar



DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

9-Largo da Anunciada-9

TIP. UNIVERSAL — Rua Diário de Notícias, 110

LISBOA



Rev.

# Revista Militar

2.ª Época

Revista de Revista Militar, Revista de Exercício e de Fardado  
Revista de Administração Militar e Portugal Militar



DIREÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
e Largo de Armada 3

THE UNIVERSITY OF LISBON  
LISBOA

# Empreza da REVISTA MILITAR

## SOCIOS HONORARIOS

Sebastião Custodio de Souza Telles  
General de divisão

José Augusto Alves Roçadas  
Tenente coronel do serviço do estado maior

## SOCIOS EFECTIVOS

Luiz de Souza Folque  
General de divisão

Francisco J. Ferreira do Amaral  
Vice-almirante

Carlos Roma du Bocage  
General de divisão

Domingos José Corrêa  
General de divisão

João Benjamim Pinto  
General de divisão

João C. Rodrigues da Costa  
General de divisão

José Estevão de Moraes Sarmiento  
General de divisão

Alfredo de A. Lopes de Macedo  
General de brigada

Antonio Maria Celestino de Souza  
General de brigada

Fernando Larcher  
General

João Martins de Carvalho  
General

João Serras Conceição  
General de brigada

José Fernandes da Costa Junior  
General de brigada

José Nicolau Raposo Botelho  
General

Alexandre José Sarsfield  
Coronel de infantaria

José Cezar Ferreira Gil  
Coronel de infantaria

José Joaquim de Castro  
Coronel

Luiz Antonio Alves Leitão  
Coronel

Augusto Ramos da Costa  
Capitão de fragata

Pedro Guilherme dos Santos Diniz  
Capitão de fragata

Victorino Gomes da Costa  
Capitão de fragata

Affonso H. Lopes de Macedo  
Tenente coronel

Francisco J. d'Oliveira Sá Chaves  
Tenente coronel de cavallaria

Francisco Xavier Corrêa Mendes  
Tenente coronel do estado maior

João Baptista da Rocha Grillo  
Tenente coronel do secretariado militar

José Joaquim Mendes Leal  
Tenente coronel d'infantaria

José Nunes Gonçalves  
Tenente coronel d'artilharia

Luiz Antonio de Vasconcellos Dias  
Tenente coronel da adm. militar

Luiz Henrique Pacheco Simões  
Tenente coronel d'infantaria

Antonio José de Mello  
Major

Guilherme de Campos Gonzaga  
Major d'artilharia

João Ortigão Peres  
Major d'inf.<sup>a</sup> e do serviço do est. maior

José Justino Teixeira Botelho  
Major d'artilharia

Rodolpho Ferreira Dias Guimarães  
Major d'engenharia

Joaquim A. da Matta e Oliveira  
1.<sup>o</sup> tenente da armada

Alberto David Branquinho  
Capitão da adm. militar

Arthur Ivens Ferraz  
Capitão d'artilharia e do serv. do est. maior

Fernando Augusto Freiria  
Capitão d'art. e do serv. do est. maior

Henrique Linhares de Lima  
Capitão da adm. militar

José Ferreira Martins  
Capitão

Julio Ernesto de Moraes Sarmiento  
Cap. de cav. e do serv. do est. maior

Luiz A. Ferreira Martins  
Cap. d'art. e do serv. do est. maior

Luiz de Mello e Athayde  
Capitão d'infantaria

Raul Augusto Esteves  
Capitão de engenharia

Manoel da Costa Dias  
Tenente da adm. militar

# Cargos para 1914



## MESA DA ASSEMBLÉA GERAL

### PRESIDENTE

General José Nicolau Raposo Botelho

### VICE PRESIDENTE

Capitão de fragata Augusto Ramos da Costa

### SECRETARIOS

Tenente coronel João Baptista da Rocha Grillo  
Capitão Julio Ernesto Moraes Sarmento

---

## DIRECCÃO

### PRESIDENTE

General de divisão José Estevão Moraes Sarmento

### VOGAIS EFECTIVOS

General João Martins de Carvalho  
Tenente coronel Francisco José d'Oliveira Sá Chaves  
Tenente coronel José Joaquim Mendes Leal  
Tenente coronel Luis Antonio de Vasconcellos Dias  
Tenente coronel Luis Henrique Pacheco Simões  
Major José Justino Teixeira Botelho  
Major Rodolpho Ferreira Dias Guimarães  
1.º tenente Joaquim A. da Matta e Oliveira

### SECRETARIO

Capitão Fernando Augusto Freiria

### VOGAIS SUPLENTE

Tenente coronel Francisco Xavier Corrêa Mendes  
Capitão de fragata Pedro Guilherme dos Santos Diniz  
Capitão Henrique Linhares de Lima

---

## CONSELHO FISCAL

### VOGAIS EFECTIVOS

General Alfredo d'Antas Lopes de Macedo  
General Fernando Larcher  
Capitão Arthur Ivens Ferraz

### VOGAL SUPLENTE

Capitão Alberto David Branquinho

# REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 1

Janeiro de 1914

Ano LXVI

Director, proprietario e editor — Empreza da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL  
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

## A RIVALIDADE ANGLO-ALEMÃ <sup>1</sup>

Sustentam os filantropos que os progressos da civilização e a aproximação dos povos terminarão por assegurar a paz universal, sem atenderem a que as divergencias de constituição mental e o desacôrdo délas resultante, em vez de apertarem os laços de maior fraternidade, originam cada dia uma hostilidade mais pronunciada. devida áqueles mesmos factores.

Sempre a paz foi o sonho dos sabios, como a guerra tem sido a historia não só dos homens, mas de toda a animalidade. A lei universal da concorrência vital, com as suas inexoráveis consequencias no mundo animal, está demasiadamente provado, que não é completada ou corrigida no homem por outras quaisquer leis. A ambição e a inveja constituem na mentalidade dêle o traço indelevel da sua natureza belicosa. Dantec no seu livro *L'egoisme seule base de toute société*, assevera que — «se os poetas cantaram uma idade de ouro, foi sem duvida graças á recordação de um periodo de paz e de opulencia, que alguma familia humana apreciou em região fertil, mas que durou sómente até ao momento em que o numero dos seus habitantes se tornou excessivo» —. Para que bem se compreenda a alusão do distinto filosofo, convém dizer que êle sustenta, que a multiplicação dos homens, em tempo de paz, provoca fatal-

<sup>1</sup> Capitulo de um livro em preparação.

mente as guerras successivas, asserção está cuja veracidade factos da actualidade comprovam.

A vida dos povos representa inflexivamente a resultante regular e fatal dos seus proprios caracteres psicologicos. Diz um filosofo contemporaneo, que as excepções têm sido instantaneas, tal qual succede á areia erguida pelo tufão, que parece momentaneamente liberta da leis da atracção, mas pelas quais fica prontamente subjugada.

As diferenças profundas, que existem na constituição mental dos diferentes povos, têm como consecuencia fatal faze-los apreciar por modos inteiramente diferentes o mundo exterior, levando-os ao dissentimento perene com as nações, constituídas por outras raças, sobre as principais questões publicas, que hajam de apreciar e resolver em comum.

A historia dos povos civilizados, segundo afirma M. Ribot, mostra as variações que os diferenciam, tanto nos sentimentos, nas ideias sociais, nas concepções morais ou religiosas, como nas proprias linguas em que se exprimem. É este o motivo pelo qual o caracter dos povos e não a inteligencia, determina a sua propria evolução na historia e regula os seus destinos.

Essa incompatibilidade de caracter, que os progressos da civilização sempre se mostraram impotentes para anular, agravada pela lesão de interesses, é que originou as lutas seculares de raças. Provas bem frisantes de uma tal irreductibilidade oferece, não só o facto dos povos superiores não haverem conseguido jámais dos povos inferiores, que aceitem a sua civilização, mas o exemplo de não ter sido possivel conseguir, até nas nações mais adeantadas, constituída por povos de raças diferentes, a completo fusão destes. Assim succede, para não citar outros países, na Austria-Hungria com as populações de raça germanica, hungara, eslava, romenica, etc. e na Grã-Bretanha com irlandêses e inglêses. É por virtude de tal incompatibilidade que os grandes imperios, formados por povos de varias raças, sempre estiveram condenados a existencia efemera.

Apenas na apparencia um povo transforma bruscamente a sua constituição, a sua lingua ou as suas artes. Para que as alterações se fixem radicalmente é indispensavel transformar a alma nacional, o que sómente se consegue pela acção secular.

A propaganda generosa de certos filosofos e filantropos terá, portanto, de ser continuada por largo tempo antes que receba

a sanção dos factos. De atenuante a essa demora pôde servir, porém, a afirmação feita por outros filosofos não menos conspícuos, de que a certeza da paz produziria, em breve tempo, uma corrupção e uma decadencia mais destructivas do homem do que a peor das guerras.

A historia demonstra, e a psicologia reconhece, efectivamente, que a guerra, ou simplesmente a sua ameaça, é um dos mais poderosos estimulantes morais e materiais dos povos, porque o habito da vitoria desenvolve-lhes o espirito da iniciativa e a audacia pelas grandes emprêsas.

O incremento industrial da Alemanha é a consequencia dos triunfos militares, que se succederam de 1864 a 1870, e foi esse mesmo progresso das industrias quem originou e tornou indispensavel a respectiva expansão comercial e maritima.

Por modo identico, as causas directas do levantamento do espirito patriotico, que se tem notado em França, apresentando-se agora o povo disposto aos maiores sacrificios para assegurar a preponderancia do país, são devidas á serie de ameaças feitas por outras potencias, designadamente pela Alemanha, contra o prestigio a independencia da nação. Tanto em 1874, como em 1875, Bismarck e Moltke pertenderam acabar a destruição da França, ao presentirem que ela se ergueria breve da prostação em que a lançára a guerra, pouco antes finda. Impediu-os desse intento a Russia e a Inglaterra, colocando-se ao lado daquela potencia. Em 1908, foi ela humilhada e novamente ameaçada pela força, ao serviço então da Inglaterra, a qual pela voz do *sirdar* Kitchener obrigou a missão Marchand a abandonar Fachoda, no Alto Nilo. Mais recentemente, em 1905, quando ocorreu a crise «Delcassé», esteve a Republica Francêsa outra vez sob a pressão de novo agravo alemão, que foi evitado pela Russia e Inglaterra. Em 1908, seguidamente ao accidente de Casablanca, novas ameaças de guerra foram reproduzidas pela Alemanha. Finalmente, em 1911, a Europa toda esteve, durante três meses, ameaçada de uma conflagração geral, por causa da aparição da canhoneira-alemã *Panther*, em Agadir. Esta serie de conflictos, que pozeram em risco a prosperidade e grandeza da França, é que lhe ergueram e retemperaram a alma nacional. Já Renan dizia, não obstante ser um convicto pacifista, que — «o temor da conquista era nas cousas humanas um aguilhão necessario. No dia em que a humanidade

se tornasse uma especie de grande imperio romano pacificado, não contando com inimigos exteriores, esse seria o momento em que a moralidade e a inteligencia correriam os maiores perigos —».

Autorisados publicistas, além de Renan, reconhecem que a guerra, ou o ameaço de guerra, ou a preocupação da guerra, reputada eminente, é como que um tonico necessario ou extremamente salutar, porque os povos, que vivem longo tempo em paz e seguros da paz, enervam-se, transformando-se nos «povos flacidos», de que fala Roosevelt. A guerra ou a paz armada preserva os povos, como disse Byron, do mofo e da putrefacção. E Hume frisou ainda melhor a asserção, quando afirmou, que «— se uma guerra perpetua transformaria os homens em animais selvagens, não era menos verdadeiro que uma paz perpetua os tornaria bestas de carga —».

Cançam-se os pacifistas em pôr na evidencia os desfavôres causados pela guerra á humanidade, mas esquecem-se de apontar, como a imparcialidade o exigia, as numerosas vantagens igualmente dela redundantes, entre as quais se ergue magestosa, como sendo a mais notavel, a formação da alma nacional, que é sempre a fonte uberrima dos mais grandiosos actos, e sem a qual não ha civilisação possivel para qualquer povo.

É a guerra que consolida a alma nacional, no caso da victoria, e que incita a sua expansão na eventualidade contraria. Foi o primeiro Imperio francês, oprimindo a Alemanha, que criou e desenvolveu o patriotismo alemão, o germanismo. Foi o dominio da Alemanha, da França e da Austria na Italia que formou lentamente a nacionalidade italiana. Foi o dominio espanhol, durante 60 anos, que retemperou e averiguou a alma portugêsa, que havia caído no maior desalento e prostração.

M. Emilio Faguet sustentou, que, nos tempos presentes, «— é durante a paz que se faz a guerra —», o que concorre para retemperar o animo das colectividades. Devido ao aperfeiçoamento a que chegou o poder militar, os povos vêm-se obrigados a vigiar continuamente os progressos militares dos seus rivais, mantendo-se, ou excedendo até, o nivel por estes atingido. Esta preparação continua da guerra é o que constitue a «propria guerra», representando as batalhas travadas apenas uma especie de prova indicativa de qual dos dois adversarios *se bateu melhor*, durante o tempo falsamente denominado de paz.



O marechal Moltke pensava de conformidade com o publicista citado, porquanto, pondo em evidencia nas suas *Memorias* a influencia moral do regime militar no caracter dos povos e a preponderancia por êle exercida nesse sentido sobre a acção da escola, escrevia:

«Os mancebos estão apenas sujeitos durante um tempo relativamente curto á influencia benefica da escola. Felizmente para nós, quando cessa a instrução individual, começa a educação propriamente dita, e nenhuma nação recebeu ainda no seu conjunto educação comparavel á que nós ministramos por meio do serviço militar. Diz-se que o mestre escola foi quem preparou as nossas vitórias. Mas a sciencia sómente não basta para elevar o homen até ao nivel moral de sacrificar a vida por uma ideia, pelo cumprimento de um dever, pela honra e pela patria, e é este o fim a que tende toda a educação do homem. Não foi o mestre escola, mas o regime militar, o verdadeiro educador que ganhou as nossas batalhas, que deu durante dezeseis anos consecutivos ás nossas gerações o treino corporal e intelectual, que as orientou nos principios da ordem, da pontualidade, da obediencia, do amôr da patria e da energia viril».

Á influencia do regime militar assim compreendido, e ao maravilhoso desenvolvimento da população, a qual se elevou, em menos de quarenta anos, de 40 a 65 milhões de habitantes, foi devido, na verdade, o facto da industria e comercio alemães se haverem rapidamente tornado competidôres temiveis da industria e comercio inglêses, para o que tiveram dois auxiliares poderosos. Um, foi o poder extrair do proprio solo nacional, como succede na Inglaterra, as materias primas essenciais áqueles dois ramos de actividade, que são a hulha e o ferro. O outro, disporem de maquinismos inteiramente novos, cientificamente construidos, metodicamente empregados, que de salto collocaram as fabricas alemães em estado de incontestavel superioridade sobre as inglêsas, na sua generalidade velhas e rotineiras, por terem assegurado mercados certos e estarem isentas de concorrentes poderosos.

Conta-se que, no proprio dia em que Metz se rendeu aos alemães, o principe Frederico Carlos dirigira aos officiais, que o rodeavam, as seguintes palavras: «Acabámos de vencer, senhores, no terreno militar, será preciso agora afrontar a luta economica e vencer no terreno industrial».

É possível que a lenda não tenha fundamento, mas o certo é haver sido depois da campanha de 1870-1871, que a actividade dos povos germanicos se orientou no sentido do desenvolvimento da industria e do commercio.

Organisaram-se, desde então, poderosas industrias, cujos centros principais foram: a leste, a Silesia; a oeste, a Westphalia, a região renana e a bacia do Sarre. As empresas carboniferas e metalurgicas applicaram-se com alma á exploração dos jazigos de carvão e ferro, existentes no país, e organisou-se uma industria sidorotécnica, que rivalisa com a que tem occupado o primeiro lugar no mundo, que é a dos Estados-Unidos, como mostra o seguinte quadro, em que figuram as três nações em que ella tem atingido a maior prosperidade:

*Alemanha :*

	1910	1911	1912
Exportação (em milhões de marcos)	855	1.012	1.174
Importação (id). . . . .	97	101	106
Excedente de exportação . . .	758	911	1.068

*Inglaterra :*

Exportação (em milhões de marcos)	877	882	992
Importação (id). . . . .	186	227	265
Excedente de exportação . . .	691	655	727

*Estados Unidos :*

Exportação (em milhões de marcos)	752	969	1.226
Importação (id). . . . .	162	144	111
Excedente de exportação . . .	590	825	1.115

Pelo que diz, porém, respeito exclusivamente á exportação do aço, a Alemanha conquistou, no breve espaço de 12 anos, o primeiro lugar entre as referidas nações, como o demonstra o seguinte quadro, cujos algarismos representam toneladas:

Anos	Alemanha	Inglaterra	Estados Unidos
1900 . . . . .	838.000	3.213.000	1.154.000
1910 . . . . .	4.868.000	4.864.000	1.535.000
1911 . . . . .	5.337.000	4.591.000	2.170.006
1912 . . . . .	5.925.000	4.814.000	2.900.000

Ao lado da industria siderotécnica, outras, como a electrica sob todas as suas formas, a dos productos quimicos, a da sêda, e a dos tecidos tomaram, tambem, tal desenvolvimento, que a produção agricola se tornou insufficiente para sustentar os correspondentes milhões de operarios.

O governo prussiano, inteiramente dedicado á obra da unificação da patria alemã, aproveitando a chuva de ouro dos cinco mil milhões da indemnisação de guerra, paga pela França, resgatou quasi todas as linhas de caminhos de ferro existentes no seu territorio, construiu outras novas, e estabeleceu assim uma vastissima rede, á qual procurou dar o maximo de eficacia para mais estimular as industrias nacionais. Por um lado levou as competentes ramificações a toda a parte onde os grandes productores as necessitavam; pelo outro, estabeleceu tarifas habilmente combinadas, destinadas a facilitar o transporte das materias primas até aos locais da sua transformação, a favorecer a exportação dos productos fabricados e a coloca-los pelos mais baixos preços nos portos, onde os aguardavam as companhias nacionais de navegação, cujo desenvolvimento foi tão rapido como o das industrias terrestres.

Durante o periodo de 1870-1907, a rede dos caminhos de ferro elevou-se, desse modo, de 20.000 a 58.000 quilometros. A navegação interior, devido a magnificos trabalhos fluviaes, cortou linhas de aguas, comunicou entre si vales, dreinando assim os productos da Europa central para os portos, que são hoje os mais bem providos do mundo de todos os melhoramentos e progressos, a começar pelos estaleiros, que têm uma solida reputação. A frota comercial de Hamburgo excede em tonelagem, só ela, a totalidade da marinha mercante francêsa. Graças a tão intelligente politica, os mercados financeiros alemães, especialmente o de Berlim, assumiram grande importancia; nas proximidades de 1880, este ultimo havia já conquistado um logar eminente na Eu-

ropa, especialmente sob o ponto de vista da emissão de fundos internacionais.

Apezar das crises financeiras e economicas de 1873 e 1901, mesmo no pleno da respectiva depressão, as industrias principais não cessaram de trabalhar por modo a poderem distribuir bons dividendos aos seus acionistas. A empresa, denominada *Laura*, grande produtora de carvão, ferro e aço, na Silesia, nunca desceu os seus abaixo de 10 0/0. A *Bochumer*, uma das principais sociedades westphalianas, jámais os baixou de 7 0/0, e assim outras muitas.

Vencidas as dificuldades daquelas crises, a prosperidade industrial tem caminhado incessantemente, como o provam os dividendos distribuidos. Assim, em 1907, entre as varias empresas carboniferas e de fundição, a *Bismarck Hütte* distribuiu 25 0/0, a *União de Bochum*, 16, a *Harpenar*, 12, a *Hosch*, 18, a *Phoenix*, 17 e analogamente as demais. A industria das maquinas não foi menos bem remunerada no mesmo ano, pois a empresa *Arquimedes* distribuiu 11 0/0; a *Egestorff* 25, a *Kappel*, 24, a *Kirchner*, 15, a fabrica de vagões de Dusseldorf, 22, a fabrica de material de caminhos de ferro de Görlitz, 20, etc. As industrias electricas acompanharam essa prospera situação, havendo repartido a Sociedad Geral de Electricidade 12 0/0 e 11, tanto as empresas Siemens e Halske, como a Sociedade de Electricidade de Berlim. As contas estatisticas revelam o mesmo bem estar nas industrias texteis e de cimentos.

Uma tal prosperidade, não obstante as graves crises de 1892, de 1901-1902, de 1907 e de 1911, explica o incremento espantoso assumido pelas empresas industriais, do qual se póde fazer ideia dizendo que, só em 1906, foram creados 1.100 milhões e, logo em 1907, mais 1.222 milhões de titulos daquela naturêsa, não havendo cessado até hoje esse colossal desenvolvimento. O número de novas sociedades fundadas em 1911, e seus respectivos capitais, foram os seguintes: sociedades por acções, 169 com o capital global de 240.024.000 marcos; sociedades de responsabilidade limitada, 4.031 com 403.301.000 marcos. Em 1912, os números correspondentes elevaram-se ainda pela seguinte fórma: sociedades por acções, 183, com o capital de 252.189.000 marcos; sociedades de responsabilidade limitada, 4.098 com o capital total de 354.186.000 marcos.

Nos mesmos anos, das já existentes, aumentaram os seus

capitais: em 1911, 437 sociedades por acções de 625.053.000 marcos; 815 sociedades de responsabilidade limitada de marcos 92.129.000. Em 1912, os números respectivos foram: 427 sociedades por acções, 759.078.000 marcos; 926 sociedades de responsabilidade limitada, 104.284.000 marcos.

O capital total das sociedades criadas ou desenvolvidas em 1911 elevou-se assim a 1.360.507.000 marcos, dos quais 643.325.000 para as primeiras e 717.182.000 para as segundas. Em 1912, subiu a 1.469.687.000 marcos, dos quais 606.375.000 para fundações e 863.312.000 para elevações de capital.

O facto descrito é devido em grande parte ao modo, diverso do dos outros povos, como os alemães compreendem a vida economica. A burguesia respectiva tem uma tendencia especial em colocar as suas economias nas emprêsas industriais e comerciais, de preferencia a emprega-las em fundos dos Estados, até nos do proprio Imperio, por virtude dos maiores lucros que aquélas oferecem. Uma tal actividade produtiva, contudo, tem inconvenientes. Um dos directores do Deutsche Bank dizia, ha tempo, a M. Julio Huret, que o dinheiro ganho mensalmente era logo absorvido por novas emprêsas. A Alemanha assemelhava-se a uma familia com varias crianças, todas em pleno desenvolvimento fisico, para as quais mensalmente se tornasse necessario fazer fatos novos. Era uma situação demasiado onerosa para os pais, havendo momentos em que a farpela se fazia esperar!

O economista M. Walter Courad descreveu as dificuldades de uma tal orgia produtôra, dizendo: «A Alemanha está em situação identica á de um homem rico, que se lançou em uma grande emprêsa industrial para a qual os seus capitais são insufficientes. Apesar da sua riqueza esse homem lutará constantemente com a falta de dinheiro!»

Na verdade, é sempre perigoso para as nações, como para os individuos, ultrapassar as proprias forças financeiras, querer obter rapidamente fortunas, que, para se constituirem naturalmente, necessitam da colaboração do tempo. Há, por isso, quem receie a futura ruína de grande número de emprêsas alemãs, se determinados acontecimentos extraordinarios mundiais vierem a ocorrer, ou se a politica comercial proteccionista continuar a desenvolver-se nos países com quem o Imperio está em mais activas relações.

A concorrência comercial, como era natural, foi subindo com o desenvolvimento descrito das indústrias, atingindo já o seu comércio exterior 18 mil milhões de marcos.

O movimento geral (importações e exportações) que tinha sido, em 1878, de 6 milhões de marcos, em 1892 subia a 7 mil milhões; a mais de 10 mil milhões, em 1900; e a 15 mil milhões, em 1906. Num período de vinte anos, o comércio desenvolveu-se de mais de 60 %. E o tráfico dos portos alemães elevou-se de 124 %. Por este modo sucedeu haverem os artigos alemães invadido os próprios mercados da metrópole inglesa, reconhecendo-se que a Inglaterra, em 1903, havia feito compras e vendas á Alemanha em valor sensivelmente igual: 34 milhões de libras esterlinas.

Mas os alemães não se contentaram em atacar a Inglaterra na metrópole, e levaram o arrojo a fazê-lo igualmente nas respectivas colónias, que são regiões prosperas e preciosos pontos de apoio marítimos. Nesta luta o principal meio de acção empregado foi a criação de linhas marítimas subvencionadas. As estatísticas dos dez anos últimos (1900-1910) mostram que, no conjunto das colónias inglesas, os progressos da marinha mercante e os do comércio alemães foram constantes. Em geral, a proporção desses progressos variou de 1 para 3, para 4, para 5 e até para 10. Nem sempre, porém, os pontos atacados deixaram de opôr uma tenaz resistência ao invasôr. Por exemplo: o Canadá, graças aos seus direitos proibitivos; a Africa do Sul e a Australia, por causa das suas tarifas preferenciais em favor da Inglaterra e do Imperio inglês. Na India, os navios alemães foram boicoteados.

Como foi que o inglês assim se deixou invadir pelo seu tenaz adversário? Por dois motivos. O primeiro porque a Inglaterra, até em materia comercial, é mui tradicionalista, emquanto to que a Alemanha, especialmente nessa materia, é demasiado oportunista, não duvidando recorrer aos processos mais revolucionarios preconizados pela ciencia economica. Por este motivo, a invasão mercantil alemã, no maximo de intensidade, promovida pelo «Zollverein», que havia efectuado a concentração e mobilização de todas as suas forças, atingiu a Inglaterra e as suas colónias em plena vigencia do livre-cambio. No dizer de M. Marcelo Brunet, não é de estranhar, portanto, que a falange alemã, logo ao primeiro choque, houvesse vencido a resisten-

cia oferecida pelos numerosos e valentes batalhões do Imperio britânico, e forçado os seus cofres fortes, que são as colonias, invadindo-lhes os portos.

Foi a segunda causa daquêla invasão o magnifico sistema de escolas comerciais alemãs, elementares, secundarias e superiores, que habilitou os modestos caixeiros viajantes, que nélas haviam feito a sua preparação tecnica, a bater os afamados *clerks* ingleses, ainda na propria *Cité*.

Até 1890, os industriais e comerciantes ingleses não ligaram importancia alguma aos relatorios dos seus consules, que accusavam os progressos da exportação alemã nos mercados em que os produtos ingleses haviam reinado como senhores; mas, havendo esses progressos tomado incremento brusco, e tendo, em 1891, o governo imperial alemão apresentado no Reichstag um largo programa de extensão do poder maritimo e comercial, quando se discutiam os novos tratados de comercio com a Austria-Hungria e a Italia, a opinião publica britânica mostrou-se então inquieta e alarmada.

Foi o notavel historiador inglês M. J. R. Seeley quem deu ao ocorrido a devida significação, escrevendo que — «o comercio dirigido com tal método, era quasi que identico á guerra, e difficilmente podia deixar de conduzir á guerra» — . O asserto foi traduzido na Alemanha por outras palavras, dizendo o *Post*: «Há cinco milhões de baionetas atrás de cada comerciante alemão».

Constituem taes factos argumentos valiosos a acrescentar aos produzidos pelos eminentes publicistas, que negam ter efeitos favoraveis para a consolidação da paz universal a maior aproximação dos povos, provocada pelos progressos da civilização.

— «O comercio conduz á guerra, diz franca e ousadamente M. Seeley, e a guerra alimenta o comercio» — .

E o estudo reflectido da situação economica, que a Inglaterra atravessa, demonstra efectivamente que só na guerra ella poderá encontrar solução para as difficuldades, que a assediam.

Por virtude da transformação, que aquêle país tem soffrido desde o meado do século XVIII, desapareceu quasi que inteiramente a antiga e fertil Inglaterra agricola, por haver encontrado na hulha e no ferro, na lã e no algodão, as materias primas de colossais industrias, nas quais e no comercio está hoje baseada a sua riqueza.

Os produtos alimentícios para abastecimento da população chegam-lhe agora diariamente do estrangeiro. *L'Economiste Européen* publicou, em abril último, um estudo sobre a produção e consumo do trigo no mundo, no qual se mostra como a cultura desse cereal, que constitue a principal base da alimentação, tem chegado naquele país á maior decadencia. Dizia Montesquieu ser a Inglaterra, ao tempo, a nação maior produtora de trigo, não chegando o consumo interno para o esgotar, tendo de o exportar, por isso, em grande quantidade.

Essa situação modificou-se radicalmente. De de dois interessantes quadros, inseridos naquele aludido estudo, referentes aos dois periodos de 1881-1890 e 1901-1910, mostra-se: primeiro, que a produção daquele cereal cresceu, de 69 milhões de quintais, com vinte anos de intervalo, havendo contribuido para tal aumento todos os países, excépto a Grã-Bretanha, cuja produção diminuiu de 6.400.000 quintais; segundo, que o aumento da população europeia, no intervalo dos mesmos vinte anos, foi proporcionalmente mais importante do que a produção de trigo. Na Inglaterra, a população passou de 36.880.000 habitantes, que era em 1885, para 43.740.000, em 1905, e este facto concorreu ali para o agravamento da questão alimenticia, porquanto a produção média do trigo cultivado por habitante desceu de 57<sup>k</sup>,9 para 34<sup>k</sup>,0. Donde resulta que a enorme quantidade de trigo, que presentemente se consome no Reino Unido, é importada, na maior parte, da Argentina, dos Estados Unidos, do Canadá e da Russia. O mesmo caso se dá com os demais productos alimentícios.

Porque vive sobretudo da exportação industrial, com cujo produto satisfás o preço da propria alimentação, necessita a Grã Bretanha de bastantes e seguros mercados, visto que a sua falta lhe originaria a fome e a ruína. E, para que se possa fazer uma idéa do desenvolvimento que esses mercados devem ter, basta referir, que a Inglaterra tem de adquirir anualmente generos alimentícios no valôr de mais de setecentos mil contos de réis.

Indispensavel se torna, portanto, que, pelas suas industrias, pelo commercio, pelos capitais colocados no estrangeiro e mais fontes de riqueza, ela ganhe, quando menos, a quantia paga ao estrangeiro, que a sustenta.

Calcula-se que a Inglaterra nunca dispõe de viveres para mais de seis semanas. Consequentemente, toda e qualquer even-



tualidade, que altere o regime regular do seu trafico comercial, será um golpe tremendo, que ameaçará aquele país nas proprias fontes da sua vida. Toda a concorrência industrial, commercial e maritima representa para os inglêses uma perigosa ameaça de paralisação das suas oficinas, a qual, afóra outros inconvenientes, provocará o aumento dos homens sem trabalho, que constituem um pesado encargo para o orçamento e um grande perigo para a estabilidade social.

Na Alemanha, embora exista a prosperidade agricola, como o crescimento da população tem sido extraordinario, grande parte dos generos alimenticios são igualmente provenientes do estrangeiro, causando egualmente receios, por isso, a eventualidade de uma guerra. A *Leipziger Volkszeitung* acusando, ha tempo, a penuria das colheitas, e expondo as terriveis consequencias que o facto poderia têr em uma região de população extremamente densa, como o é a Saxónia, dizia: — «Se a guerra brotar, e a Inglaterra, de acôrdo com a França, conseguir entrar a importação de generos alimenticios, que se faz especialmente por Bremen e Hamburgo, teremos a fome! — ».

Por considerações de tal ordem, nos seus estudos sobre a guerra, quando relacionada com o movimento economico, sustenta M. Serrigny, que « — outrora se lutava pelas aquisições territoriais, e hoje era pelas dos mercados; não se trata de ampliar os Estados, mas de estender as clientelas — ».

Efectivamente, a Alemanha não cessa um instante, seguindo o exemplo inglêz, na faina da conquista, não só de novos mercados, nos quais possa colocar o excesso de produção das suas industrias, mas de novos fretes maritimos, que desenvolvam o seu já vasto trafico commercial, que mantém em actividade uma poderosissima frota mercantil.

Dizem as estatisticas da administração da marinha alemã que, só em um decenio, os interesses nacionais no mar se elevaram de 327 a 810 milhões de marcos. Durante o mesmo periodo, a tonelagem total dos navios do comercio subiu de 1.387.000 a 2.353.000 toneladas, isto é, de quási 70 por 100, e o valôr dos mesmos na razão de 100 para 150.

Nos últimos cinco anos, ainda o número e tonelagem dos respectivos navios mercantes continuou esse grande movimento ascendente, como revela o seguinte quadro:

Anos	Navios de alto mar	Tonelagem métrica
1908 . . . . .	4.571	2.790.435
1909 . . . . .	4.638	2.825.404
1910 . . . . .	4.658	2.859.307
1911 . . . . .	4.675	2.903.570
1912 . . . . .	4.723	3.023.725

A comparação das proporções e quadro precedentes permite concluir que a *qualidade* dos navios de commercio alemães melhorou, ao passo que a sua *quantidade* aumentou. Efectivamente, os grandes transatlânticos daquela nacionalidade, sob os pontos de vista da velocidade e das comodidades, conquistaram o predomínio sobre os demais. Por isso, nas regiões mais centrais, como nos mais longíquas, lança-se, por vezes, o brado de que o pavilhão alemão tende a deslocar o pavilhão inglês, tanto mais que anualmente ocorre ser comprada por companhias alemãs uma ou outra linha de navegação inglesa, como, por exemplo, no Levante ou nos mares da China. Explica-se assim, portanto, como a frota de vapores alemães se elevou de 196.000 toneladas, que contava em 1890, a 1.774.000, em 1905. E este novo movimento ascensional não tem ainda parado como patenteia o seguinte quadro:

Anos	Navios a vapôr	Tonelagem métrica
1908 . . . . .	1.922	2.256.783
1909 . . . . .	1.953	2.302.910
1910 . . . . .	1.950	2.349.557
1911 . . . . .	1.973	2.396.733
1912 . . . . .	2.009	2.513.666

A companhia do *Norddeutscher Lloyd* que possuía, em 1882, sómente 29 transatlânticos, jogando umas 118.000 toneladas, dispunha, em 1904, duma frota de 325 navios, dos quais 104 paquetes, com a totalidade de 700.000 toneladas, servindo 34 linhas de navegação. A *Hamburg Amerika Linie* tem actualmente a seu cargo um serviço marítimo, que abrange 59 linhas de navegação, compreendendo a sua frota 168 paquetes, com 908.679 toneladas, mais 215 barcos fluviaes, rebocadores, etc.

Em 1856, inaugurava esta companhia a sua primeira linha regular de navegação, e, desde então, conquistou pelo seu rápido e amplo desenvolvimento a reputação de ser a mais poderosa companhia de navegação do mundo, seguindo-a de perto a *Norddeutscher Lloyd*.

E' por esta fôrma que o país consagra a conhecida frase do Imperador Guilherme II: — «O futuro da Alemanha está no mar» —.

E' certo, que o poder marítimo comercial da Inglaterra ainda afronta serenamente esse grandioso desenvolvimento alemão, visto representar no momento presente a metade do das outras nações reunidas. Mas, não se póde obscurecer que o engrandecimento continuo de tão poderoso rival afronta a altivez e preocupa o espirito do leopardo britânico.

Caso analogo sucede com a riqueza economica, a qual fôrma com o poder marítimo a dupla base sobre que assenta a grandeza da Inglaterra, no dizer reflectido de M. Pedro-Leroy-Beaulieu, ha pouco falecido. Não ha duvida de que essa riqueza não decresceu, mas as estatisticas mostram que éla tem visto brotar em torno de si fortes rivais.

O carvão e o ferro são como que os musculos da industria moderna. Ora, a Grã Bretanha ainda os produz em maior quantidade do que nunca, é certo, pois de 67 milhões de toneladas, em 1857, a sua produção carbonifera elevou-se, em 1872, a 123 milhões e a 220 milhões em 1901, não tendo, desde então, decaído essa produção. Mas, em 1857, representava esta 54 por 100 da do mundo inteiro e, em 1872, já não figurava senão 49 por 100, para ainda baixar a 30 por 100, em 1901.

Nessa competencia tem sido, sem falar nos Estados Unidos, a Alemanha quem cada dia mais afronta a Inglaterra, como mostra o seguinte quadro comparativo do carvão produzido nos dois países:

Anos	Inglaterra (Toneladas 1.016 k.)	Alemanha (Toneladas 1.000 k.)
1900.	225.181.300	109.290.200
1905.	236.128.936	121.298.600
1908.	261.528.795	147.671.149
1909.	263.774.312	148.899.745
1910.	264.433.028	152.881.509

Na produção do ferro já a Alemanha tem alcançado, desde 1903, uma notável superioridade sobre a Inglaterra, como o demonstra a seguinte estatística:

Anos	Inglaterra (Toneladas 1.016 k.)	Alemanha (Toneladas 1.000 k.)
1906. . . . .	15.500.406	26.734.570
1907. . . . .	15.731.604	27.697.128
1908. . . . .	15.031.025	24.278.151
1909. . . . .	14.804.382	25.505.409
1910. . . . .	15.226.015	28.709.654

Idêntico desnivelamento se dá nas estatísticas do ferro fundido. A produção dos altos fornos britânicos era, em 1877, de 6.700.000 toneladas, representando 47 por 100 da de todo o globo, mas, em 1901, esta proporção ficava reduzida a 22 por 100, embora a respectiva produção se houvesse elevado a 9 milhões de toneladas. E a Alemanha mantém sempre a superioridade sobre essa indústria inglesa, como se verifica neste novo quadro:

Anos	Inglaterra (Toneladas 1.016 k.)	Alemanha (Toneladas 1.000 k.)
1906. . . . .	10.183.860	12.293.825
1907. . . . .	10.114.281	12.875.159
1908. . . . .	9.056.851	11.805.321
1909. . . . .	9.531.987	12.625.575
1910. . . . .	10.012.098	14.793.604

Em 1912, a produção dos altos fornos alemães foi de 17.850.000 toneladas, representando o aumento de 13,3 % sobre a de 1911, a qual, comparada com a que havia sido em 1900, e fôra de 8.520.000 toneladas, representa uma duplicação em doze anos. E, aceitando os dados do economista M. A. Rafalovich, considerando como havendo sido a produção mundial, em 1900, de 35 milhões de toneladas, e, em 1912, de 72 milhões, comprova que a parte da Alemanha nesse desenvolvimento geral progrediu de 21 para 25 %.

Factos analogos têm sucedido com outros productos, que constituem fontes uberrimas da riqueza britanica. Assim, em 1860-1861, as fabricas de tecelagem consumiam 2 milhões de balas de algodão, ou 48 por 100 do consumo do mundo civilisado; em 1901-1902 aquele algarismo ascendia a 3.253:000 balas, mas esta proporção descia a 23 por 100. Similarmente ocorria com outras industrias. Nas três, que ficam citadas, a produção inglêsa é hoje excedida pela dos Estados Unidos, seguindo-se-lhe de perto a Alemanha, que as combate com vantagem, até na propria Inglaterra, como ficou dito precedentemente.

Nada disto impede, comtudo, que a Grã Bretanha seja um país tão rico e florescente, que habilitou o *Chanceler do Echiquier*, M. Lloyd George, por ocasião da apresentação do orçamento para 1913-1914, na Camara dos Comuns, a declarar que — «não obstante a grève carbonifera, que havia custado ás finanças inglêsas 600.000 libras esterlinas, o ano de 1912-1913 fôra o mais prospero que o Reino Unido jámais havia tido»—. A grandeza economica do país é incontestavel, mas os seus rivais é que a assediam dia a dia, engrandecendo-se a si proprios por modo a diferenciarem-se-lhe cada dia menos.

A propria supremacia da marinha de guerra inglêsa, outr'ora omnimoda, já não tem hoje a mesma grandeza relativa, porque outras nações têm desenvolvido consideravelmente o seu poder naval.

Ha poucos anos ainda, a importancia da armada alemã, por exemplo, era insignificante, quer se considerasse pela qualidade, quer pela quantidade de navios que a constituiam. Em 1908, ainda ela dispunha apenas de 9 pequenos couraçados. A opinião publica, anteriormente a 1898, entendia que o Imperio se devia contentar com uma esquadra defensiva composta de guarda-costas e canhoneiras. Subitamente, auxiliada pelos successivos factos ocorridos no Haiti, em Chantoung e em Samôa, ergueu se no país uma audaciosa propaganda em favor de poderosas esquadras, destinadas não só ao mar do Norte e ao Atlantico, mas ainda ao Mediterraneo, cujo incitamento foi devido não aos marinheiros, mas aos generais do exercito de terra Verdy du Vernois, von der Goltz, Janson, Boguslawski e outros. Em livros, brochuras, artigos de jornais e discursos demonstraram eles á saciedade, que o exercito ficaria gravemente

comprometido, se uma formidável marinha não pudesse dar ás combinações estrategicas e tacticas do estado maior o apoio dos seus navios e dos seus canhões.

Á acção dos generais seguiu-se a da «Flottenverein» ou Liga maritima, que forma no mundo a organização mais numerosa da sua especie, pois continha em janeiro de 1912 o numero de 1.054:404 aderentes, entre os quais se compreendem não só os principais membros da aristocracía, mas todos os membros da familia imperial, a cuja frente figura o Principe Henríque da Prussia, irmão do Imperador e chefe superior da armada.

A Liga inspira-se no sentimento pangermanico, sendo o seu fim expresso a conquista da supremacia naval, como se verifica da leitura do orgão, que ella possui na imprensa, que conta mais de meio milhão de assinantes. Sustenta este jornal, conforme prescrevem os respectivos Estatutos, que a Alemanha não pode dispensar uma frota de guerra, que inspire o respeito mundial, tanto na parte que assegura a defesa das costas do Imperio, como o prestigio deste entre as grandes potencias, assegurando assim a protecção dos interesses gerais, a das relações comerciais e a segurança dos compatriotas no estrangeiro.

As cartas e publicações distribuidas pela Liga encontram-se em grande numero de estabelecimentos e em todos os hotéis e estações de caminhos de ferro. São numerosas as conferencias e representações cinematograficas, que ella promove, com o fim de realizar através de toda a Alemanha uma campanha educativa em favor de uma poderosa esquadra. Em resumo, a Liga lisongea-se de ser uma instituição tão grandiosa como outra não existe da sua especie, e tanto que as suas receitas excedem 50:000 libras, enquanto as da associação congenere inglesa não ultrapassam 3:500 libras, segundo confessou o *Daily Mail*.

A proliferação da raça germanica, revelada pelo incessante desenvolvimento da população da Alemanha, é uma das causas da ardente sêde de expansão manifestada pela *Flottenverein*. Segundo o recenseamento official, relativo ao 1.º de dezembro de 1908, o Imperio contava 60.641:278 habitantes. Actualmente, este numero eleva-se a 65 milhões, que têm de se sustentar em uma superficie quasi equivalente á da França, que conta apenas uns 40 milhões de habitantes.

A consequencia de um tal estado de cousas narrou-a, em

dezembro de 1906, o «leader» socialista inglês Roberto Blatchford aos seus compatriotas.

Porque é que a Alemanha, escrevia ele, se propõe atacar a Alemanha? E respondia logo á pergunta, explicando como este Imperio via aumentar rapidamente a sua população, necessitando colonisar para se expandir. Mas a Inglaterra havia-se aposado de todas as regiões, que tinham valor rial. A ela pertenciam a India, a Australia, o Canadá, a Nova Zelandia, o Egipto e todas as regiões mais ricas e ferazes da Africa.

A Alemanha tinha sêde de comercio e de influencia nos mares exteriores, e a Grã Bretanha ameaçava essa expansão, solidamente entrincheirada nas fortalezas e estações carboníferas, que tinha semeado por todo o globo, tais como, Gibraltar, Malta, Chipre, as Indias occidentaes, etc. Um olhar, lançado sobre o mapa mundial, mostra logo o mar do Norte ameaçado por Douvres, o Mediterraneo por Gibraltar, e assim por toda a parte.

A Alemanha aneja dolorosamente por adquirir maior numero de portos e maior extensão de costas. A posse da Belgica e da Holanda satisfazer-lhe-ia esta ambição, mas a integridade dos dois países estava garantida pela Inglaterra e pela França.

Por toda a parte a Alemanha encontrava a Grã Bretanha impedindo a sua expansão e frustrando os seus planos. Era por isso que a Alemanha se propunha atacar a sua rival, visto como ambiciona o comercio, as colonias, a influencia e o imperio, que a Inglaterra possui actualmente, e porque a Alemanha, tendo vencido a França, havendo-se reconciliado com a Austria, não tendo que recear da Russia, por alguns anos, sente que a Grã Bretanha é o seu adversario mais perigoso.

Este quadro descrito por M. Roberto Blatchford, que não pode considerar-se falso, ainda deve ser ampliado com a recordação de que a ambição alemã sobre as nossas colonias, tanto da Africa oriental e ocidental como das Indias orientais, ainda era na Inglaterra que encontrava o formidavel empecilho para a sua realização.

O desenvolvimento incessante da população, que autorisado testemunho avalia em um milhão anual de almas, obrigará fatalmente a Alemanha a tentar conquistar em breve praso novas regiões para a sua expansão. Maximiliano Harden escrevia, não ha muito, que, se outras nações se não resolvessem a

ceder voluntariamente ao Imperio as terras, que o seu poder sempre crescente exige, «— a Alemanha não tardaria em se recordar haver sido a guerra em todos os tempos a sua melhor industria nacional —».

E o general Von Bernhardi, cujas opiniões têm peso na opinião alemã, sustentou o ano passado o mesmo modo de ver em um livro, que publicou, e em que diz estarem os seus compatriotas reduzidos á necessidade de lançar nas colonias estrangeiras o excesso da população; — «mas se não quizermos, acrescenta, aumentar o poder dos rivais pela onda dos nossos emigrantes, tornar-se-nos-ha indispensavel conquistar aos Estados vizinhos os novos territorios de que temos necessidade, ou então adquirir-los com o seu accordo. . . Só chegaremos a este resultado aumentando a nossa força. . . É preciso, portanto, que o povo alemão se não deixe cegar pelas tentativas pacifistas. Os tribunais de arbitragem e de justiça não são compatíveis com o actual estado de cousas, constituindo um perigo para um povo, que sente a imperiosa necessidade de alargar o seu dominio colonial á custa alheia —».

Antes de Harden e de Bernhardi, já o Principe de Bulow, com toda aquella autoridade que lhe dava o cargo de Chanceler do Imperio, tinha sustentado identico pensamento, dizendo em pleno parlamento, que — «o alemão, cavalgando intrepidamente, abateria na sua passagem tudo quanto pertendesse impedir o caminho á sua prosperidade e á sua grandeza —».

E Roland de Marés, o conhecido pacifista, comentando esta ordem de considerações, reconhece que «— onde quer que o futuro de um grande povo está em litigio, os argumentos de ordem sentimental não podem prevalecer sobre a necessidade imperiosa de viver —».

Uma tal doutrina accorda-se inteiramente com o principio, sustentado por Dantec, de que «— todo o verniz do homem civilisado não impede que, raspando-o levemente, se encontre o antigo homem, o homem das cavernas —», principio que outro escritor nacional, tão douto como inteligente, enunciava, não ha muito, sob a forma seguinte: «— Em toda a creatura humana dorme um tirano, a questão é saber desperta-lo —».

Não será de esperar, portanto, que a Alemanha aceda de boa fé ás instancias, que por varias vezes lhe têm sido dirigidas pelos estadistas inglezes para limitar os seus armamentos na-



vais, mas, se o fizer, será com a intenção reservada de falsear o compromisso, tal qual sucedeu no começo do seculo XIX, quando Napoleão I impôz á Prussia o limite dos seus effectivos de paz. E este facto não tem sido o unico que a historia remomora.

General MORAES SARMENTO.



## DUAS FESTAS MILITARES EM ESPANHA

Quando em outubro passado o Presidente francês visitou a Espanha, realizaram-se dois festejos militares, que revestiram um acentuado cunho intencionalmente impressivo para o visitante, e sendo portanto interessantes de observar.

Retribuindo a ultima visita feita á França, onde a imprensa reflectiu a opinião de que os festejos tinham sido de exagerada ostentação militar, a Espanha não podia semelhantemente apresentar ao visitante numerosas tropas, porquanto as guarnições estão desfalcadas com as exigencias da campanha de Marrocos; criteriosamente preferindo, sem alarde e como ocasionalmente, salientar, que a sua antiga grandêsa não está de todo apagada e antes constitui solida base para um rejuvenescimento, que se procura levantar.

Ambiciona a Espanha, sem reboço, a categoria de grande potencia, que já teve e com primazia nos tempos modernos, quando na frase orgulhosa, agora repetida ao ser inaugurada a bandeira do seu primeiro couraçado de esquadra: *A Espanha descobria um Novo Mundo e salvava o Antigo*, na batalha naval de Lepanto em que destroçava os Turcos. Depois, três seculos se seguiram decadentes, até aos ultimos golpes de adversidade, concretisados na perda das colonias, mas hoje a Espanha revigora-se em multiplos campos de acção, incluindo o militar.

E' certo que a actividade militar tem sido estorvada pela instabilidade ministerial e pelos desfalques da campanha de Marrocos, mas a nova lei do recrutamento, as fabricas de Sevilha e Oviedo, aptas á fabricaçção de artilharia de tiro rapido e da espingarda Mauser, bem como a instrucção dos officiaes nas academias militares, constituem já solidos alicerces para o poderoso exercito, que se pretende organizar. E, salientando a solitudine dedicada ao exercito, proporcionou-se ao Presidente, opor-

tunidade para observar em Madrid um desfile de 6:900 homens, e em Toledo visitar a fabrica de armas brancas e a academia de infantaria, valorisando-se o desfile das tropas e a visita á academia, de uma forma festiva de cortezia, mas que se conseguiu tornar sugestiva da força do exercito, por meio de uma cuidada preparação:

Com efeito, preparando o exito do desfile, a seguinte alocução foi publicada ás tropas, julgando util transcrevê-la, pelo que evidência de tendencias modernas na educação do soldado:

«Al Ejército: Después de las terminantes prescripciones que deben assegurar el éxito en la formación prevenida, réstame solamente dirigirme á todos, generales, jefes, oficiales y tropa, y dirigirme á su corazon, para que cada uno se convierta en agente activissimo de su exactitud y brillantez.

«Nos presentamos á la contemplación del primer magistrado de la nación francesa, nuestra vecina y amiga, y es absolutamente preciso que el concepto y juicio nos seam laudatorios en todo su contenido.

«Su majestad el rey, nuestro augusto soberano y jefe, espera confiado en que cumpliremos con nuestro deber, poniendo entera toda nuestra buena voluntad, y nadie puede ser osado á dejar de hacerlo en punto alguno.

«Tenede presente que el Ejército es el regulador de la vida nacional. Aqui, en la paz, acreditando la disciplina, la subordinación, la polica y la instrucción, como están acreditando su valor heroico, al otro lado del Estrecho, las tropas que pelean por el honor de las armas y la gloria de la patria. — *D. Bazán.*»

O apelo aos nobres sentimentos é alavanca poderosa, que tem seguro apoio no orgulho espanhol, e o pode levar aos feitos mais heroicos; é a disciplina voluntaria no mais levantado grau, a que aspiram hoje, como esteio firme dos exercitos, todas as nações mais adiantadas; e veremos que tal apelo não foi vão, sendo brilhante o desfile.

A guarnição de Madrid reforçada com unidades visinhas da capital, constituiu uma força de cêrca seis mil homens, sob o comando do capitão general da 1.<sup>a</sup> região militar, na seguinte ordem:

Uma divisão, com duas brigadas de infantaria, organizadas

com os seguintes regimentos <sup>1</sup>: formando cada um sómente um batalhão.

Primeira brigada: constituída pelos regimentos intitutados do Rei, Aragon, Leon e Cuenca.

Segunda brigada: constituída pelos regimentos de sapadores mineiros, pelo de caminhos de ferro, Asturias, e destacamentos da guarda civil, Intendencia, Saude e Veteranos.

Sob as ordens de um general da arma, formaram os regimentos de artilharia montada n.os 2, 5, 10 e o 4 de artilharia a cavalo.

A divisão de cavalaria formava ás ordens do seu comandante o infante D. Carlos, constituindo duas brigadas.

A primeira com os regimentos de lanceiros da Rainha e do Principe e esquadões da Guarda civil.

A segunda brigada, com os regimentos de Hussares da Princesa e de Pavia e caçadores de Maria Cristina.

O dia 7 de outubro em que o Presidente francês pelas dez horas e meia chegou a Madrid, foi de uma chuva meuda, mas persistente, enlameando as ruas, mas não conseguindo afastar os espectadores.

Até ao desfile, as tropas estiveram debaixo de chuva mais de três horas, desde a saída dos quartéis para formarem nas ruas do transito do cortejo, e em coluna passarem depois em continencia, cêrca do meio dia, perante D. Afonso XIII e Mr. Poincaré, que tinham assomado á varanda principal do palacio. Apesar da chuva insistente, o desfilar das tropas teve nobrêsa e luzimento, como adiante veremos, reconhecido com sentimento pelo comando superior.

Não era, portanto, esta festa militar, de cortezia, uma banal marcha em continencia de tropas que recolhem a quartéis; a imprensa já assim o dissera francamente, afirmando que o illustre Presidente e seus numerosos companheiros, entre os quais realçava a figura do general Lyantey, convidado expressamente para vir a Madrid, não eram visitas triviais; a multidão, que debaixo de chuva esperava tenazmente as tropas, aglomerada na praça do Oriente defronte do palacio, assim tambem o reconhecia.

---

<sup>1</sup> Guarnições, veja-se *Revista Militar*, 1910, julho, «A Peninsula Iberica, capitão Freiria.

O momento era solene, a força nacional na sua síntese mais impressionante, ia passar diante do trono de Espanha, o primeiro abaixo do trono de Deus, como dizem os madrilenos, por ser Madrid a grande capital de maior altitude (640m).

O estrangeiro sentia o que esperava o patriotismo espanhol; não era a pretensão descabida de mostrar um imponente exercito, mas sim provar que não desmerecia as suas tradições.

Na verdade ficou satisfeita a expectativa patriótica da multidão. A ordem acima citada, dirigida ao coração do soldado, foi cumprida com exito.

A infantaria em coluna de pelotões iniciava a marcha. O seu passo curto e rapido (65 centímetros e 130 por minuto), evocava os gloriosos terços da infantaria espanhola, pela impressão de vivacidade e galhardia; o aspecto marcial da baioneta armada, a marcha bem batida por tambores e notas estri-dentes das cornetas, a cada dois passos, (conseguindo marcar a cadencia sem fatigar os pequenos corneteiros), causava entusiasmo no povo.

O manejo das armas, uniforme e sacudido, acentuando os tempos, e as evoluções de uma atenta correcção impecavel, são já tradicionais no exercito espanhol; e com o escrupulo dedicado aos detalhes do serviço interno dos quartéis, imprimem ao soldado, habitos, que firmam a educação militar.

Nem tudo, já se vê, são primores; afirmando escritores competentes, que a indole do espanhol não é militar, ele é tambem mediocre atirador e a instrução no campo é menos predileta, deixando ainda a de conjunto muito a desejar; mas estes requisitos são complementares, e para os conseguir se trabalha com afinco e confiança, nas qualidades basilares de resistencia que são tradicionais.

A infantaria em coluna de honra, como diz o regulamento <sup>1</sup> da arma (1909, 3.<sup>a</sup> edição, 1,5 pesetas), marcha com a espingarda ao hombro durante a continencia. Os gastadores á frente da musica, em formação espaçada, dão uma ideia da sua aplicação e do serviço de segurança, conveniente de incutir com insistencia por habito, porque o seu descuido será sempre uma falta capital. As vozes de comando na sua execução, tem um cunho energico, só se pronunciando a primeira silaba da voz de alto

<sup>1</sup> *Revista de Infantaria*, 1910, pg. 32.

ou marche; a posição de sentido, tem a designação de firme, mais sugestiva e energética, que agora na coordenação dos nossos regulamentos seria preferível conservar em lugar da voz de sentido.

A estatura da infantaria, não obstante o limite mínimo, ser 1<sup>m</sup>,50 de altura e haver um mínimo de peso 48 quilogramas e do perímetro torácico 75 centímetros, não faz diferença sensível da nossa, cujo mínimo é 1<sup>m</sup>,54, sendo os homens como os nossos, baixos mas robustos.

Após a infantaria, desfilou a cavalaria, consciente da impressão favorável obtida pelos seus belos cavalos, aprumo dos cavaleiros e ostentação dos seus ricos fardamentos.

São falhos em cavalos os recursos da Espanha nas províncias do Norte, assim como no conjunto faltam cavalos para a mobilização; mas na paz, a sua remonta é exigente, conseguindo brilhar nos cinco regimentos e Guarda civil, que se apresentaram em cavalos de ótima aparência, sendo esta aparência melhor na capital do que nos regimentos de província, o que é sensato e não quer dizer mais resistência, que é o importante sob o ponto de vista militar.

Quando passava a cavalaria, recrudesciu a chuva, que porém não conseguiu apagar o brilho dos arreios e o bom tratamento dos cavalos, não lhes dava o aspecto de ensopados, como seria de presumir. E, sobretudo, a postura correcta dos cavaleiros, realçada pelo brilho dos uniformes, lisongeava o sentimento patriótico da multidão, que apesar da chuva se conservava nas ruas, entusiasmada.

Não conhecem o homem, aqueles que desdenham como insignificante esta questão dos fardamentos e atavios militares, origem de forças morais preponderantes e muitas vezes decisivas em assuntos de importância, não obstante a ridícula influência da vaidade e preconceitos. Assim, os cavaleiros que desfiliavam aprumados apesar das intempéries desanimadoras, e que despertavam o patriotismo da multidão, deviam sentir, que os bons cavalos suas montadas e os ricos uniformes que ostentavam, principalmente os Hussares, com os seus bordados e peliças, representavam a força e riqueza nacional, perante os estrangeiros.

Já o desfilar da Guarda civil a pé e a cavalo, com os seus uniformes de gala tradicionais, sensibilisara a multidão, como

se desfilassem recordações de infância e regionais em que tinham crescido, educado e desejariam morrer, sintetizando o ambiente da sua Patria.

O desfile dos quatro regimentos de artilharia, cada um a dois grupos de três baterias, que marchavam na cauda da coluna, correspondeu ao renome e consideração de que em Espanha goza esta arma. Os regimentos desfilaram em coluna de bateria, formando as peças na frente dos carros; o material tem o mesmo aspecto que o nosso, pintado a cinzento e o do regimento a cavalo, pintado a branco, as peças de um e outro, não tendo assentos de eixo. As baterias eram todas tiradas a cavalos de tração, na maioria importados, os arreios são fortes e os tirantes de corda estão, porém, envolvidos em couro; as sotas do meio não engatam á boleia, e os cavalos de tronco estão ligados por um timão, que se prende aos espinhos das selas.

Estes detalhes são interessantes para avaliar a capacidade de manobra da artilharia que observámos á entrada da Calle de Bailen, onde a coluna entrou subindo por uma apertada curva, sem que quaisquer dos eixos das 48 linhas das viaturas se embaraçassem, seguindo primorosamente alinhada pela Calle de Bailen, com cêrca de 12 metros de largura, correspondendo portanto, sómente um metro aos cavalos sotas e aos chefes de cada uma das quatro peças, demonstrando com esta inpecavel conversão das viaturas, um elevado grau de instrução.

O apreço que o desfile dos seis mil homens mereceu da opinião publica, foi consignado por unanimidade na imprensa e reconhecido oficialmente na seguinte ordem, coroando lisongeiramente a primeira manifestação militar de importancia, que se apresentava ao Presidente da Republica Francêsa.

### **Orden general de plaza**

«El capitan general, con motivo del brillante desfile de las fuerzas efectuado ayer ante el Palacio real, ha citado la siguiente orden de la plaza :

- Capitania general de la primera región.
- Orden general del dia 7 de Octubre de 1913, en Madrid.
- Con militar nobleza y brillante orden habéis contestado al requerimiento que os hice en la adición á la orden general de ayer.

«Nuestro soberano y jefe y el presidente de la Republica francesa envían sus plácemes y me ordenan lo manifieste en la orden general de este dia. Cumpló con emoción hondísima tan hermosa obligación.

«Esta pública notoriedad que de tan alto viene es la más preciada que debemos desear y la unica que puede servir de satisfacción entera al deber cumplido, y vosotros, que tan elevado habéis puesto el renombre legendario de nuestro Ejército, veréis que si en estos momentos sentís todavia el eco del estruendo de los aplausos de las gentes que esta mañana enaltecían así vuestra conducta, habréis de sentir orgullo al pensar que sois la salvaguardia de la vida de la familia española y la eficacia bienhechora de la prosperidad y la paz de la nación.—  
*D. Bazán.»*

Julgamos interessantes estas duas alocuções, que transcrevemos integras na propria lingua, por bem representarem no seu espirito a orientação da disciplina democratica, como diz Paul Simon, nos seus livros. Esta orientação moderna, coadunando-se com a repressão severa que caracteriza a Espanha, é digna de estudo e demonstra, que o exercito não se procura tornar uma instituição fechada a modernismos, apesar dos cuidados com que se cultiva a conservação das tradições.

Outro sintoma analogo da aceitação de recentes modernismos tendentes a efectivar os principios da nação armada, afastando do exercito qualquer ideia de guarda pretoriana, foi outro desfile que se seguiu ao das tropas que descrevemos.

Este novo desfile perante D. Afonso XIII e o Presidente, foi feito pelos *boy-scouts*, que em Espanha adotaram a designação de exploradores. Perto de mil creanças, entre dez e quinze anos, com os seus simples uniformes, marcharam em coluna de pelotões, precedidos de uma numerosa banda e ciclistas, e seguidos por um destacamento sanitario. Em Toledo, encontrámos novamente cêrca de duzentos *boy-scouts* fardados, fazendo a guarda de honra á catedral.

Talvez levado por um criterio profissional, se bem que os *boy-scouts* insistam em afirmar que só pretendem alcançar a sua educação viril, entendemos, que educação viril, ou educação militar, são equivalentes e que o significado de viril, está incluído no de militar.



Não acrescentaremos a estas despretenciosas observações, o que nos sugeriu o desfilar das creanças, para não sobrecarregar este artigo, mas sinceramente desejamos que algum dos nossos competentes, publicassem o que se lhes oferecesse sobre este assunto, bem como acêrca da instrução militar preparatoria, que se está agora desenvolvendo em Espanha, onde se organizaram 156 «escolas militares» subsidiadas e com instruções decretadas no ano passado; curioso seria esse estudo, pela semelhança de algumas condições entre os dois países vizinhos e ensinamentos que poderíamos colher.

Assim, na Espanha, ainda que a instrução militar se considere atrasada, muito se trabalha para a impulsionar, como teremos ocasião de notar nas linhas seguintes.

\*

\* \* \*

A segunda festa militar que foi oferecida ao Presidente francês, realizou-se a proposito de uma visita a Toledo, onde, entre os grandiosos monumentos, se consideram a fabrica de armas brancas e a Academia de infantaria. Favorecendo o exito da visita, o dia amanheceu glorioso de sol.

A visita á fabrica de armas, curiosa pela sua construção em claustros semelhantes a um convento, foi rapida, dando oportunidade a ser presenteado com alguns objectos o Presidente da Republica, e chamando naturalmente a atenção para o adiantamento da industria militar em Espanha, de que se pode fazer uma ideia pela leitura do *Anuario Militar*, de 1913 (preço, 5 pesetas).

Concluiu a revista a Toledo, com uma demorada inspecção á Academia de infantaria, instalada no antigo Alcazar mourisco, dominando a cidade e largos horisontes em redor; e onde, no imponente pateo de honra, se eleva a estatua de Carlos v, que deixou á cidade de Toledo o cognome de imperial.

Á entrada de D. Afonso XIII e do Presidente, os mil e duzentos alunos estavam formados em grande uniforme e apresentaram armas, tocando a banda privativa da Academia, a Marselhesa, enquanto lhes era passada revista, e terminada esta, todos os alunos em canto coral, entoaram o hino da Academia que foi escutado pelos visitantes com grande agrado.

Em seguida, destroçaram os alunos para vestirem os uniformes de serviço e, entretanto, realizaram-se os cumprimentos do professorado e o almoço dos ilustres hospedes na sala de esgrima da Academia.

Iniciou-se depois a inspecção ás instalações escolares, sendo visitada uma grande camarata, semelhante ás do nosso Colegio Militar, e num dos armarios individuais dos alunos, que D. Afonso XIII mandou abrir, sendo encontrada com agradavel surpresa entre os livros: uma gravura religiosa e os retratos de D. Afonso e do Presidente, que ali mesmo recompensaram o aluno, com os autografos dos seus nomes.

Continuou a visita pelo museu de infantaria, instalação educativa com quadros de honra e recordações historicas, observando-se em manequins, diferentes uniformes e equipamentos, entre os quais o de campanha dos alunos da academia, tendo de caracteristico uma moxileta cinzenta, semelhante <sup>1</sup> á dos officiais subalternos alemães, e a pá prêsa ao cinturão por um estojo de couro que lhe envolve os bordos, ficando o cabo pendente; o uniforme é de pano cinzento mais claro que o nosso, e a polaina semelhante á da nossa infantaria do ultramar.

Os gabinetes de topografia, física, quimica e telegrafia, são modestos, mas parecendo orientados com uma feição pratica, de applicação immediata aos serviços e instrução da infantaria.

A sala do armamento é acanhada, para o elevado efectivo da academia e conter ainda algumas metralhadoras. Neste material a Espanha preferiu Hotckiss depois de 1908, á Maxim que tinha anteriormente, parecendo orientada no caminho pratico, sem preocupação de obter o ultimo aperfeiçoamento. Sobretudo na aquisição das pistolas para as praças, um modelo forte e simples, pode custar a terça parte do dinheiro satisfazendo e ainda com vantagem para o serviço, por se evitarem os precalços de um material delicado.

Mais foram visitados o amplo picadeiro e o refeitório com capacidade para cêrca de oitocentos alunos, os quais pagam a sua pensão, e oportuno será observar, que se não vê o luxo opiparo da nossa Escola de Guerra, contrariando a sobriedade, que é a nossa capital virtude militar.

Os exercicios dos alunos perante os visitantes, constaram de

<sup>1</sup> *Revista de Infantaria*, 1911, pg. 256.

ginastica, executada num recinto de «Shating» ladeado de espaldares e nas evoluções possíveis sob o comando de alunos. A totalidade dos cadetes executou manejo de armas e ginastica colectiva, com a notavel precisão que é apanagio do exercito espanhol.

Depois realisou-se o desfile em continencia final de despedida, constituindo a Academia dois batalhões, o primeiro formado por alunos do 2.º e 3.º ano, e o segundo pelos alunos recentemente encorporados. A marcha executou-se primorosamente, em coluna de pelotões, assumindo o comando na testa da coluna D. Afonso XIII.

O apreço da revista á Academia de infantaria, foi de unanime louvor: e pelo muito que tem de espanhol, sobretudo do espirito dirigente espanhol, permita-se a seguinte transcrição do *Imparcial* de 10 de outubro ultimo, sobre as festas, que palidamente descrevemos.

Diz o articulista :

«Esta vez no hemos presentado á los ojos de nuestros visitantes, como otras veces, un espectáculo militar modesto, pero que pudierá dar una idea de nuestro soldado en aquella exterioridad que sirve casi siempre para formar juicio de un ejército; la guarnición de Madrid, casi en masa, se halla en Maruecos, y el obligado y vistoso supuesto táctico en Carabanchel no se ha podido verificar; de nuestro ejército han visto los franceses un pequeño «echatillon», y ése, sin la colaboración del sol, que és el más decorativo elemento en las fiestas militares.

«Pero si no han visto maniobras ni soldados, han tenido ocasión de aproximarse al yunque donde se forma el alma de la infanteria española, han respirado unos momentos el ambiente de aquel viejo Alcazar toledano y han visto cómo templan las aguas del Tajo el acero de nuestras espadas con temple menos firme que el del ánimo de nuestro ejército.

«Y sabemos de ciencia cierta que la impresión de nuestros amables huéspedes ha sido de estrañeza: ni creyeron nunca que la fábrica de armas blancas fuese lo que es, ni supusieron que la fábrica de oficiales de infanteria estuviese, no á la altura, sino muy por encima de todas las Escuelas militares de Europa.

«Porque en ambos talleres, el de las armas y el de las al-

mas, existe algo especial, característico, español puro, sin mezcla, traducción ni galicismo; para las armas, el agua del Tajo, que en España nace y no viene de fuera; para las almas, la secular leyenda de grandeza escrita en el pedestal de Carlos V y continuada en los centenares de nombres de oficiales muertos en las últimas campañas.

«Es el espíritu inmortal de una raza que no necessita reactivos lo que flota impalpable, pero sensible, allí donde se enseña sus deberes á nuestra juventud militar, y ese espíritu han tenido ocasión nuestros ilustres huéspedes de apreciarlo en unas horas escasas y con sólo unos minutos de presenciar los ejercicios de los cadetes.

«¿Es la precisión absoluta de los movimientos? ¿Es el brío en ejecutarlos? ¿Es la visualidad marcial de las formaciones? No; eso da idea de una instrucción esmeradísima y es complemento de lo otro, del buen espíritu; pero ese buen espíritu, cuando existe, se manifiesta y no escapa á los ojos expertos de un soldado viejo; es un detalle que á veces parece insignificante, es una atención que se pinta en la fisonomía, un deseo de obedecer bien, un afán de dejar bien puesto el pabellón.

«Y ese afán es el que va á los regimientos y los acompaña á la guerra, y empuja á los oficiales más allá de las guerrillas, y los hace morir con la sonrisa en los labios, satisfechos, contentos de haber dado su vida á la patria.

«Ese es el espíritu que los militares franceses han adivinado en el alma de nuestra juventud; ese es el temple que dan las aguas del Tajo, cuyas aguas no vienen de fuera.»

A opinião que pulsa nas palavras visivelmente convictas de um jornal popular, define bem, como se procurou fazer vibrar o sentimento patriótico e mostrar, que á educação dos futuros oficiais se atende com exito, conseguindo-se o desejo de bem obedecer, que se reflète na fisionomia, sem enganar olhos experimentados, constituindo, a mais poderosa mola, donde resultam os grandes feitos militares.

É curioso, como estas palavras sinceramente espanholas, confirmam o que diz Alfred Fouillee a pg. 182 da 3.<sup>a</sup> edição do seu livro, *Esquisse des peuples europeens* — por seus costumes propios o espanhol é teimoso, de fóra ele não quer aprender nada, e quasi nada tem aprendido. Mas, simultaneamente, vê-

mos o contraste com o convite feito ao general Lyantey, para vir a Madrid tratar a questão de Marrocos, onde a Espanha não tem sido feliz.

Figura de alto relevo militar, o general Lyantey, destacava-se no sequito presidencial, com certa simpatia cultivada pela imprensa, seja lisongeando os costumes populares, quando referia, ter o general, a proposito da sua primeira visita a Espanha, tendo sido brindado por um toureiro notavel, com umas bandarilhas, ter dito graciosamente: «que ainda as conservava entre os seus trofeus de guerra». Fotografias tambem se publicaram, do banquete oferecido ao general, no Ministerio da Guerra, e representando-o fardado com os seus cinco filhos todos militares. Outra nota de elevado conceito teve como protagonista D. Afonso XIII, que na viagem para Toledo, observara ao general francês, não ser vulgar a sua espada, e como o general explicasse, ser uma recordação de familia, que pertencera a seu avô, mostrando na folha a gravura das batalhas napoleonicas em que entrára, D. Afonso XIII depois de admirar-a, teve o comovido gesto de beijar a lamina antes de devovel-a ao general francês.

Este episodio militar, foi desde logo conhecido, e não foi nada indiferente para a educação de futuros officiais, tão cuidada na Academia de infantaria, onde o assunto é versado no terceiro ano do curso, sendo o livro *Educacion del soldado*, que serve de texto, do capitão Enrique Fornells, que já vai na 6.<sup>a</sup> edição (ao preço de 4,5 pesetas). Os capitulos deste livro, são sobretudo, de grande valor para se conhecer o soldado nosso visinho, muito se aproveitando com o estudo dos seus costumes, alguns de notavel alcance educativo, como por exemplo, o que se observa pelo juramento dos recrutas, em que estes passam pela bandeira, beijando-a sucessivamente, acto solene, o mais impressionante de toda a sua vida.

Muito vale pelas suas qualidades naturais, o soldado espanhol, dizendo Eliseu Reclus, na sua *Geografia*, universalmente conhecida: «que bem dirigido, é certamente, como o tem provado a historia, o primeiro soldado da Europa, tem o ardor do homem do sul e a força do homem do norte, sem porém necessitar como este, uma nutrição tão abundante.»

Mas concluindo: acentuemos a condição primacial do grande geografo, que o soldado seja bem dirigido; falta a que se tem

atribuído tão deficiente aproveitamento de tão grande força. Porque não tem os dirigentes, com tão bom soldado, conseguido organizar um bom exercito?

A principal causa, é uma voluvel personagem, que se tem divorciado 37 vêses em 34 anos, e que apesar de desacreditada, sempre encontra adoradorcs; é a politica, que tem feito 37 ministros da guerra, nos ultimos 34 anos.

Capitão ED. AZAMBUJA MARTINS.

## O novo regulamento para a instrução tactica da cavalaria

Esperavamos a completa publicação do *Regulamento provisório para a instrução da cavalaria* para então, nas paginas deste jornal, algumas considerações fazermos a pontos dêsse regulamento que, na nossa opinião, na parte publicada em 1912, não tinham sido tratados segundo o melhor criterio; porém, o número de novembro desta *Revista*, num artigo sobre o assunto <sup>1</sup>, dá-nos a noticia que o regulamento definitivo muito brevemente será publicado, visto desejar-se que seja distribuido antes de se iniciar a proxima Escola de Recrutas.

Nestas circunstancias, longe de esperarmos mais tempo porque a parte restante do regulamento venha á luz, vamos desde já apresentar algumas considerações sobre a parte publicada e distribuida em 1912 as quaes mais especialmente se referem á *Escola de Pelotão*.

Mas antes, e como razão de ordem, frizemos a opinião do general Cherfils <sup>2</sup> de que — «*Un réglément d'exercices, après tout et au suprême synthese, n'est pour une arme que le Code de la manière de s'employer. Ce Code règle le maniement de l'outil. Il doit donc dependre du but, a quoi doit servir l'outil.*»

Ora sobre este ponto de vista afigura-se-nos, que sendo o objectivo principal da nossa cavalaria em campanha a exploração, quer com o fim de garantir ao comando a liberdade estrategica, quer num campo mais modesto se bem não menos importante de garantir ás tropas a sua segurança e de contribuir eficazmente para a sua protecção, embora tambem deva fazer sentir a sua acção na batalha quando as circunstancias o per-

<sup>1</sup> O novo regulamento para a instrução tactica da cavalaria, pelo major de cavalaria F. Carmona.

<sup>2</sup> *Pour le nouveau réglément de la cavalerie*. Par le general Cherfils. *Revue militaire generale*. Juillet 1913.

mitam, não poderá nunca, em qualquer destas missões, operar em grandes massas, pela razão simples de não termos efectivos para as constituir.

Esta circunstancia, segundo o nosso modo de vêr, justifica que o pensamento dominante, ao elaborar-se um regulamento tactico para a arma, seja o de que as formações e evoluções que prescreva *se apresentem na maioria das circunstancias facilmente adaptaveis ao terreno* e possam sempre corresponder á situação da respectiva unidade, devendo as considerações de rapidez no desenvolvimento, ficar num segundo plano pois que na maioria das situações de campanha e até mesmo na sua quasi totalidade, sómente pequenos efectivos teremos a considerar.

Encarado o Regulamento de 1912 sobre este ponto de vista, algumas das prescrições respeitantes á Escola de Pelotão não satisfazem, como vamos procurar mostrar.

Para o *pelotão*, em ordem unida, apenas duas especies de formaturas se podem adotar: a *linha* e a *colúna*, mas persistindo num êrro que se vinha cometendo o regulamento no n.º 45 desdobrou as linhas em de *parada* ou *evolucionarias* e as colúnas em *evolucionarias* ou de *marcha*, fazendo residir exclusivamente a sua diferença em não tomarem parte nas formações *evolucionarias*, determinadas entidades, embora pertençam ao quadro organico da respectiva unidade e tenham um lugar definido nas formações de *parada* ou de *marcha*. Compreende-se que para *paradas* ou *revistas* essas entidades ou individuos devam ocupar lugares especiais, mas o que não podemos admitir é a saída desses elementos, quando das formações de *parada* ou de *marcha* se passa ás *evolucionarias*.

E' ou não a formação de combate o objectivo que visa uma serie de formações *evolucionarias*? Pois bem quando essa formação fôr tomada para atacar o adversario, ou quando se evolucione em frente do inimigo far-se há previamente retirar das fileiras elementos que, pertencendo ao quadro organico da unidade, o regulamento não concede a honra, embora em *parada* deem brilho á formação, de desembainhar a espada em defeza da Patria, os quais *vão para um lugar onde não embaracem* aguardar o final da contenda!

Briga com o bom senso e com a pratica seguida, devendo por decoro e honra militar eliminar-se uma tal determinação do



regulamento. Nos tempos aureos da cavalaria, o capelão do regimento carregou muitas vezes ao lado do inolvidavel Seydlitz e recentemente, nas nossas campanhas coloniais, na épica carga do Mufilo o tenente veterinario Francisco Pereira carregou ao lado de Martins de Lima e recebeu a morte dos herois, de frente voltada ao inimigo.

Antes de examinarmos a formação normal do pelotão, façamos algumas reflexões sobre a constituição desta unidade.

Pelo Regulamento de mobilização as praças combatentes que constituem um esquadrão são :

1.º sargento.....	1
2.ºs sargentos .....	8
Cabos.....	12
Soldados sapadores .....	6
Soldados montados .....	118
Clarins .....	5
Ferradores .....	4
Soldados apeados.....	12

o que dá para cada pelotão :

- 2 2.ºs sargentos ;
- 3 cabos ;
- 31 soldados montados ;
- 1 clarim ;
- 1 ferrador.

Reputamos exagerado este efectivo em soldados montados não só por não haver, como é sabido, cavalos bastantes como tambem por o pelotão ficar muito pesado, sendo por isso, a nosso vêr, preferivel constituir pelotões de menor efectivo <sup>1</sup> organizando-se, quando houvesse excesso de cavaleiros, maior número de esquadrões sendo possivel. Uma diminuição no efectivo dos soldados faria com que o enquadramento fosse mais solido o que até certo ponto compensaria deficien-

<sup>1</sup> A França, a Alemanha e a Espanha, tem como normal a constituição do pelotão com 12 filas.

cias de instrução, motivadas pelo pequeno tempo de incorporação. Na nossa opinião o pelotão deveria sêr constituído por

2 2.<sup>os</sup> sargentos ;

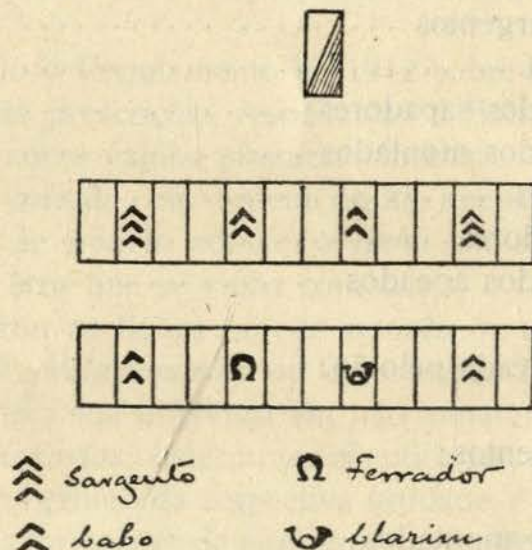
4 cabos ;

16 soldados ;

1 clarim ;

1 ferrador

que na formação normal em linha se disporem conforme se mostra na seguinte figura :



Escusado nos parece encarecer esta disposição, em face da adotada pelo regulamento, pois facilmente se vê a independência que nela gósam, não só os sargentos, auxiliares imediatos do oficial, que necessitam muitas vezes deslocar-se da formação sem que esta fique desorganizada, como também os *grupos* de igual constituição (1 cabo e 4 soldados) em que as secções se subdividiriam.<sup>1</sup> Pode-se objectar que a formação, assim disposta, não tem os flancos e o centro constituídos como é da praxe, mas tal facto, atenta a forma de enquadramento adotada, bem revelada na figura, não nos parece ter superior importância.

A disposição adotada pelo regulamento de 1912 tem o *grave*

<sup>1</sup> Admitimos como mais conveniente a colúna de estrada, constituída com 3 cavaleiros de frente.

inconveniente da dependencia do sargento, com a agravante deste t er como cerra fila o clarim, que em muitas situações tem de acompanhar o comandante do pelotão para lhe servir de ordenança ou agente de ligação desaparecendo, nestas circunstancias, a fila centro do pelotão; não vemos tambem razão convincente que determine a conservação do ferrador f ora da fileira e não se proceda como em Espanha e outros países dando-lhe nela colocação.

Isto posto passemos a examinar as formações do pelotão em colúna. Estabeleceu o regulamento, que analisamos, as colúnas de quatro e de dois para o pelotão, em substituição da antiga colúna de tr s; e n este ponto a comissão que o elaborou submeteu-se à lei geral, pois que, em quasi todos os países, as colúnas de marcha ou de estrada tem a frente de 4 ou de 2 cavaleiros.

São conhecidas de todos as vantagens das colúnas de 4, e ainda no número de novembro desta *Revista*, o distinto oficial de cavalaria, inspirador do Regulamento provisório de 1912, demonstrou   evidencia, com a superior competencia que todos lhe reconhecem, as vantagens que se podem obt er da adoção, como normal da colúna de 4; porém, para nós, um facto subsiste, pois não foi convenientemente rebatido, que é motivo mais que suficiente para a não adotarmos, como sucede com os su ssos que tem as colúnas de 3 e de filas (2) como formações de marcha; e esse facto é o de não se amoldar  s nossas estradas, em geral estreitas, e com as fachas laterais não são obstruidas por montes de cascalho, varreduras, arvores, etc., como em geral muito inclinadas, o que influir  poderosamente na fadiga dos elementos que por elas tenham de seguir.

Ora o argumento de que as colúnas de 4 não são adaptaveis à maioria das nossas estradas e muito menos aos nossos caminhos, não foi desfeito pelo autor do artigo a que já aludimos, que não foi até fel s na argumentação apresentada para o destruir. Assim afirma s. ex.<sup>a</sup> que é perigoso argumentar com números e esquecendo a afirmação feita, citando casos especiais, pretende demonstrar que, normalmente, a frente duma unidade de cavalaria, não corresponde, em metros, ao número de cavaleiros que tem a fileira; s. ex.<sup>a</sup> encarando desapaixonadamente a questão há de reconhecer, que os casos especiais, como os que enumera não podem derrubar o que a pratica e a teoria ensi-

nam, de que um cavalo montado deve ocupar na fileira 1 metro, no sentido da extensão, em virtude do que a frente duma formação quando a cavalo é igual a tantos metros quantos os cavaleiros que tem a fileira. Assim o reconhece não só os regulamentos franceses e belgas como também o regulamento espanhol e o suíço, além de sêr um dado pratico que é geral em todos os *aide-memoires*, e que o proprio regulamento provisório não repudia pois no n.º 41 diz, que cada *cavaleiro* ocupa na fileira 0<sup>m</sup>,85 aproximadamente, tendo previamente dito no número anterior que o intervalo entre dois cavaleiros contiguos se conta de joelho a joelho e é em media de 0<sup>m</sup>,10, intervalo que por razões de todos conhecidas não pode normalmente anular-se.

Não querendo reconhecer que, nas poucas estradas em que tal largura de formação se possa adotar impossivel se torna o cruzamento de colúnas, diz textualmente: — «Ora o cruzamento de duas forças de cavalaria nas estradas do nosso país, onde há tão pouca, chega a constituir um acontecimento notavel pela variedade. Durante a Escola de Recruta, as fracções saem dos quartéis e nêles entram ás mesmas horas, sendo quasi impossivel acharem-se naquelas circunstancias: encontram-se nas paradas, quando não marcham reunidas. Fóra deste periodo mais difficil é ainda o cruzamento.»

Então o perigo da largura da formação não permitir o cruzamento de colúnas é «para o tempo de paz?! Não conhece o autor do artigo os graves inconvenientes que podem advir, em campanha, da formação da marcha ocupar toda a largura da estrada?

Pódem por acaso apresentar, inconveniente da mesma gravidade as antigas colúnas de 3 que sómente nas testas dos pelotões apresentavam 4 cavaleiros de frente?

Poder-se-há não ter em consideração o enorme inconveniente que resulta da modificação da frente da formação, indo em marcha, tanto mais que pelo regulamento de 1912 a frente imediatamente menor trás como consequencia o dobrar a profundidade da colúna?!

Pode-se acaso argumentar, com regulamentos anteriores, quando se sabe que as exigencias desses regulamentos, em plasticidade, para as formações era muito menor que actualmente?

Parece-nos que todas estas circunstancias, mostram bem que

a formação por 4 não foi cabalmente estudada, e que talvez mais vantajoso nos fosse o manter a antiga colúna de 3 que daria com a formação em linha que propomos para o pelotão, uma colúna de grupos, isto é, uma colúna de pequenas esquadras com algumas das vantagens que lhe atribue Cherfils, no artigo que já atrás citámos. E' facto que a colúna de 3 não se presta ao desenvolvimento em leque, e que os desfiles sómente se poderão fazer pelos flancos o que fará com que os desdobramentos e dobramentos sejam um pouco mais morosos, mas, não excedendo no caso mais desfavoravel, desenvolvimento em forrageadores ao galope 15 segundos, conforme os calculos feitos pelo sr. major Carmona para um pelotão mobilizado; ganhando-se em compensação o tornar-se mais facil e rapido o desenvolvimento para os flancos e sobretudo em se têr uma formação que se adapta á maioria dos caminhos, o que não succede com a formação por 4 que, até no Alemtejo não é applicavel ás vias de comunicação existentes pois na última escola de repetição, que fizemos num regimento daquela provincia, houve muitas vezes necessidade de adotar a formação por 2 por a de 4 apresentar frente impropria para a marcha; convém lembrar que os inconvenientes que apontamos se dão, em absoluto, com a organização do pelotão que propomos.

Prescreve o n.º 74 do Regulamento o emprego do trote levantado pelas forças que *evolucionem*, não concordando com tal modo de proceder recordarei apenas as seguintes palavras de von Bernhardi sobre o assunto; «a tranquilidade, a regularidade e a ordem compacta das manobras sofrem e não julgo que as vantagens do trote levantado sejam taes que possam contrabalançar estes inconvenientes que atingem a potencia de combate.»

Na parte referente a *cargas* não vemos salientada, como julgamos indispensavel, a importancia que nos combates de cavalaria contra cavalaria, tem a coesão entre as filas, mas em compensação vemos nela introduzido o principio da carga numa só fileira *contra qualquer objectivo*; a questão da formatura fundamental da cavalaria está de há muito liquidada e não vale a pena resuscita-la tão magistralmente ficou resolvida quando em Portugal se debateu, e muito nos admira vêr, passados anos, um tal principio admitido num regulamento da arma. A formatura numa só fileira só é admissivel para diminuir a vulnera-

bilidade, iludir o adversario e em casos especiais atacar a infantaria. No regulamento de exercicios da cavalaria francêsa, aconselha-se é certo a formação numa fileira, *mas sómente* quando se deseje diminuir a vulnerabilidade, ou quando convenha atacar, numa grande frente, *um adversario desorganizado*; contra a cavalaria em ordem unida, o regulamento proíbe o emprego duma tal formação.

O n.º 161 do Regulamento de 1912, relativo aos *Movimentos complementares das cargas*, necessita ser completamente modificado, tal como se acha redigido origina ideias falsas, e sobretudo não se acha impregnado do espirito cavaleiro, que convem a um regulamento da arma. Em primeiro lugar a refrega *não é uma consequencia do choque*, dá-se quando a carga não foi conduzida por fórma a valorizar todo o seu efeito moral e quando tenha lugar não é de *duração passageira*, antes se deve prolongar pelo tempo necessario a permitir a intervenção de tropas frescas.

Porque aqui tem natural cabimento seja-nos permitido formular o desejo que o novo regulamento da arma dê a devida importancia á instrução do jogo de armas. Poucos como somos, a nossa esperança de vitoria, quando um dia tenhamos que desembainhar as espadas em defeza da Patria, residirá sómente na *superioridade moral* que dispozermos, sobre o adversario, e faltando-nos o numero, a sua obtenção exclusivamente reside no convencimento dos nossos cavaleiros de que são mais déstros que o adversario no manejo das armas, com que se acham aprestados para o combate. *Em lugar de dizer aos lanceiros que na última extremidade, abandonem a lança* e que é preferivel servir-se dela como cacete do que como lança, mais vale suprimir tal arma, se por acaso se está convencido que ela é um estorvo nas mãos do cavaleiro, mas antes de tal fazer, jámais se deverá escrever essa afirmação no regulamento.

No combate a pé, alguns numeros há que não nos parecem facilmente explicaveis, assim por exemplo ignoramos a razão porque *em regra* na defensiva se apearão maior número de cavaleiros de que na ofensiva, como tambem não compreendemos a significação que o regulamento dá á palavra *grupo*, visto que no n.º 175 se toma grupo numa acepção diferente de no n.º 177, pois que dizendo o n.º 175, referindo-se á *defensiva*, que o comandante do pelotão «—devide o pelotão nos

grupos que julgar necesarios para conveniente occupação da posição, nomeia-lhes os respectivos chefes, etc. o n.º 175 referindo-se á offensiva diz — :

« — O aproveitamento racional do terreno exige, quasi sempre, que o cordão de atiradores abandone a regularidade dos intervalos e do alinhamento. Neste caso fracciona-se, *sem indicação especial*, em grupos de efectivo proporcional á capacidade dos abrigos, obedecendo a collocação destes grupos á necessidade de conservarem entre si a indispensavel ligação e ainda a poderem cumprir as indicações do guia.»

« Para a execução dos lanços, os atiradores devem evitar aglomerações, convindo se separem como na ordem dispersa, marchem em colúna de um ou mesmo que avancem rastejando.»

Para mostrar que, o Regulamento de 1912 não atende, como acabamos de vêr, á importancia que o *grupo* tem no desenvolvimento do combate, nem aos cuidados que deve merecer a sua formação e constituição, transcrevamos alguns numeros da ordenança de infantaria, applicaveis ao caso e aos quais se deverá fazer a natural anotação que, na cavalaria, em consequencia do melhor enquadramento, os chefes de grupo serão sómente os cabos, ao passo que na infantaria há necessidade de nomear tambem soldados; *não qualquer*, mas sim com determinadas qualidades que o regulamento desta arma fixa como se segue:

« — Em cada companhia devem anualmente ser nomeados *chefes* de grupo até ao número de 4 soldados, escolhidos pelos comandantes de companhia de entre os indicados pelos directores de instrucção, *devendo preferir-se os que mais aptidão tenham mostrado para a avaliação de distancias, destreza no tiro, aproveitamento do terreno, orientação militar e para os exercicios em ordem extensa*. Esta escola será feita um mez antes de terminada a instrucção de cada parte do contingente anualmente incorporado, devendo desde esse momento ser ministrada a essas praças a instrucção propria do chefe de grupo.»

A missão do chefe de grupo é definida no n.º 270, pelas seguintes palavras:

« — Aos *chefes de grupo* e a todos os graduados em geral compete verificar se os homens graduam as alças com correcção, atiram sobre alvos em boas condições de vulnerabilidade e se á voz de cessar fogo o suspendem immediatamente.»

A acção dos chefes de grupo no combate é esclarecida pelo n.º 316 que diz: — «Nos movimentos de avanço, os chefes de grupo, precedendo a curta distancia a linha de atiradores, servirão de guia ás suas fracções orientando-as sobre o terreno, frente e abrigos a ocupar e maneira de executar os lanços.

« — No desempenho desta missão orientar-se hão pelas indicações dos seus comandantes de pelotão e secção, a quem transmitirão imediatamente todas as informações que possam colhêr quer pessoalmente, quer por indicações recebidas.

« — Logo que tenham atingido a nova posição fazem alto, no que são seguidos imediatamente pelos homens dos seus grupos que preenchem os intervalos da linha por eles baliçada.»

Para terminar a analyse de combate a pé do pelotão, chamamos a atenção para o n.º 183 em que se indica a substituição, ás grandes e medias distancias, do avanço dos atiradores por lanços, *pela marcha em zig-zag do pelotão, a cavallo, numa só fileira aproveitando os accidentes do terreno*; cremos que a fantasia humana não podia ir mais longe!

Finalmente para concluirmos seja-nos permitido deixar aqui consignada a opinião de que para satisfazer completamente os interesses da arma se torna necessario dota-la com um *Regulamento unico* onde, á semelhança do Regulamento do coronel Salgado, se tratem com a necessaria minuciosidade as diferentes questões que á arma se referem, devendo esse regulamento, constituir como que um pequeno compendio onde se achem consubstanciados os principios que em campanha devem regêr a acção da arma; será esta a unica fórma de fomentar a unidade de doutrina tão importante e tão indispensavel á cavalaria, e de facilitar a instrucção dos quadros. Indiscutivelmente que a urgencia desse regulamento se impõe, pois de há muito que as velhas praxes foram esquecidas e a uniformidade desapareceu, até dentro dos proprios regimentos, o que não admira atenta a quantidade de regulamentosinhos que em edições sucessivas se vêm alterando e substituindo deixando apezar desta abundancia de regulamentação no esquecimento determinados assuntos que depois de 1873 nunca mais foram devidamente atendidos.

JULIO DE MORAES SARMENTO

Cap. de cav.<sup>a</sup>



## As grandes manobras francesas em 1913

(Continuado de pag. 891)

### VI — A execução das operações.

Temos indicado algumas das medidas preparatorias para as manobras, e vamos ocupar-nos agora da execução das operações.

Em primeiro lugar vejamos a *situação geral* e as *situações especiais* dadas aos dois partidos.

#### A — Situação geral

Um *partido azul* (fictício) ocupa a linha do *Dordogne*, entre Bordeus e o rio Corrèze. Forças do mesmo partido (exercito azul) ocupam a região ao sul de Bordeus.

Um *partido vermelho* (fictício) está á rectaguarda do rio Lot, tendo a sua esquerda apoiada no rio *Garona*, entre *Agen* e *Moissac*, e a direita proximo de *Cahors*. Forças deste partido (exercito vermelho) estão reunidas a sud'este de *Toulouse* e ainda a cavaleiro do *Agout*, a jusante de *Castres*.

Nos primeiros dias de setembro o *partido vermelho* atacou o *partido azul* na região ao norte do *Dordogne*.

As forças do partido vermelho, ameaçadas no seu flanco direito pela aproximação de reforços importantes do inimigo, são obrigadas a recuar nas direcções gerais de *Toulouse* e de *Castres*, para onde convergem forças amigas, vindas do sul e do sud'este.

Os corpos do partido azul, empenhados nos combates ao norte do rio *Dordogne*, estão immobilizados por causa das perdas sofridas e pelas dificuldades de reabastecimento; mas novas forças se estão organisando ao sul de Bordeus.

#### B — Situação especial

Os reforços importantes do partido azul constituem o *exercito do general Pau*.

O partido vermelho organisa tambem em Toulouse um exercito de ala, que constitue o *exercito do general Chomer*.

O exercito *P* (general Pau) recebe a missão de atacar o exercito *C* (general Chomer), impedindo-o de tomar parte numa nova batalha, que se deve realizar mais ao norte.

Vejamos como os dois exercitos teem dispostas as suas forças ao serem iniciadas as operações:

A) — O exercito *C* tem a 31.<sup>a</sup> divisão (16.<sup>o</sup> corpo d'exercito) em *Castelmaurou* e com a vanguarda em *Blagnac*, a 4 km. de Tolosa: e com a 32.<sup>a</sup> divisão (16.<sup>o</sup> corpo) a léste e a sud'este de *Tolosa*, tendo a vanguarda em *Plaisance*.

A 33.<sup>a</sup> divisão (17.<sup>o</sup> corpo) está em *Muret* com a vanguarda em *St. Lys*; e a 34.<sup>a</sup> divisão (17.<sup>o</sup> corpo) ocupa *Carbonne*, tendo a vanguarda em *Rieumes*.

A divisão da cavalaria está na frente, em *Isle-Jourdain*, correspondendo ao centro do dispositivo.

As 4 divisões estão, pois, numa mesma linha orientada na direcção oeste-nor'oeste, interceptando todas as estradas que conduzem á região de Agen.

B) — O exercito *P* tem as suas forças articuladas em profundidade.

O 12.<sup>o</sup> corpo tem uma divisão em *Astaffort* e outra em *La Plume*.

O 18.<sup>o</sup> corpo tem uma divisão em *Nérac* e a outra em *Vic-Fezensac*.

A divisão colonial, constituindo uma vanguarda geral, ocupa *Miradoux*.

A brigada de cavalaria está em *Lectoure* e *St. Clar*.

O exercito *C*, vai tomar a ofensiva ao norte do Garona, marchando na direcção de *Agen* para impedir que as forças do exercito *P*. consigam reforçar as outras forças do partido azul.

O dispositivo do exercito *C* em cordão parece-nos pouco proprio para poder realizar uma ofensiva energica.

O exercito *P* está escalonado em profundidade, mas demasiadamente.

Os dois dispositivos, verdadeiramente antagonicos, pecam por excesso.

Teremos em breve occasião de ver as consequencias.

---

*As operações no 1.º periodo das manobras (11 a 13 de setembro).*

No dia 11 de setembro ás 6<sup>h</sup> da manhã o general Joffre, que tinha o seu Q. G. em *Castelsarrasin*, deu o sinal para que os dois exercitos começassem as operações com toda a liberdade de acção.

Os 150 arbitros estavam então em *Moissac*.

No dia 11 o exercito C tomou a direcção geral de Agen, formando quatro colunas de divisão, que seguiram pelos vales do Touch e do Ausonnette, levando as suas vanguardas sobre o Save, cobrindo-se na frente por destacamentos mixtos, que foram ocupar as cristas entre o Save e o Gimone.

Ao norte, a 31.<sup>a</sup> divisão, seguindo por Blagnac, foi ocupar Cornebarrien e Mondonville. Na sua esquerda, a 32.<sup>a</sup> divisão (Woinhaye) veiu para Léguevin. Assim, todo o 16.<sup>o</sup> corpo ficou na margem esquerda do Garona. Na esquerda do 16.<sup>o</sup> corpo seguia a artilharia pesada.

A 33.<sup>a</sup> divisão (Bourdériat) veiu de Muret para St. Lys, attingindo a vanguarda desta divisão (regimento n.º 9 d'inf.<sup>a</sup>, coronel Descoins) o Save.

A 34.<sup>a</sup> divisão (Martin) attingiu Rieumes, tendo como vanguarda o regimento n.º 88 d'inf.<sup>a</sup> (coronel Mathéas).

Os destacamentos mixtos ocuparam as cristas desde *Cadours* a *Bézévil*.

A 6.<sup>a</sup> divisão de cav.<sup>a</sup>, deixára Isle-Jourdain pelas 6<sup>h</sup> dirigindo-se por Gimont sobre *Auch*, com o fim de retardar a marcha da ala direita do inimigo.

Neste mesmo dia as forças do exercito P. attingiram as seguintes posições:

A divisão colonial (Vinard), que partira ás 6<sup>h</sup> da região de Miradoux, dirigiu-se sobre as cristas entre o Arrats e o Gimonne, estabelecendo-se entre *St. Clar* e *Beaumont-de-Lomagne* (em Casteron).

Como o terreno era mau, esta marcha foi difícil e a divisão colonial deixou muitos retardatarios.

As outras divisões avançaram em quatro colunas. Um pouco á frente e na esquerda, vem o 12.º corpo d'exercito. A 24.ª divisão (Castelli) vem de La Plume para *Miradoux*, passando por Astaffort, trazendo como vanguarda o regimento d'inf.ª n.º 126 (coronel Dubois) com 1 grupo de baterias. Comandava esta vanguarda o general Gerôme, comandante da 48.ª brigada. Seguiam por sua ordem nesta divisão os regimentos n.ºs 100, 50 e 108.

Ao sul vinha a 23.ª divisão (Leblond), a qual seguiu por Francescas para *Berrac*, 10 km. a nord'este de *Lectoure*.

Do 18.º corpo d'exercito, a 35.ª divisão (Brun) marchou de Condom sobre *Lectoure*, trazendo em vanguarda o regimento n.º 57 (coronel Dapigny).

A 36.ª divisão (Micheler), marchou na direcção de Fleurance.

A brigada provisoria de cavalaria apoiada por um batalhão do regimento n.º 23 colonial com uma secção de metralhadoras, dirigiu-se de *Lectoure* sobre o vale do Gimonne, ocupando *Mauvesin* e *Cologne* para prolongar a direita da divisão colonial e garantir as passagens do Gimonne.

O parque de aviação deste exercito marchava proximo da guarda avançada geral.

Tais eram as situações reciprocas dos dois exercitos no fim das marchas do dia 11.

No dia 12 de manhã o exercito C continuou o seu movimento ofensivo. Na direita, a 31.ª divisão, recebera ordem para passar o Save em Montaigut ás 7 h., dirigindo-se sobre *Cox*.

Formava a vanguarda desta divisão o regimento n.º 122 (coronel Escudier) com um grupo de baterias. O corpo principal era constituído pelos regimentos n.ºs 81 e 96 (61.ª brigada).

Com o corpo principal ia a artilharia de corpo, e cobrindo a direita ia o regimento n.º 142. Esta divisão entrava em *Cox* ás 11 horas.

A' 32.<sup>a</sup> divisão fôra ordenado que passasse o Save ás 9 h. em Isle-Jourdain, dirigindo-se sobre *Monbrun*. A vanguarda désta divisão, constituída pelo regimento de inf.<sup>a</sup> n.º 80 (coronel Pelletier), entrava em *Cologne* ás 11 h.

Mais ao sul, a 33.<sup>a</sup> divisão (Bourdériat) veio passar o Save a 8 km. ao sul de Isle-Jourdain, com o fim de ocupar as cristas entre o Save o Gimonne. A brigada 66.<sup>a</sup> ocupa Monferran, enquanto uma forte guarda avançada (brigada 65.<sup>a</sup> com a art.<sup>a</sup> divisionaria) atingia Gimont ás 11 horas, donde desalojava a brigada provisoria de cavalaria do inimigo. O regimento d'inf.<sup>a</sup> n.º 9 (coronel Décoings) ocupava Gimont, enquanto o regimento n.º 7 (coronel Mazillier) désta brigada com a artilharia e o regimento n.º 9 de caçadores a cavalo (cav.<sup>a</sup> de corpo) se estabeleciam nas cristas, entre *Gimont* e *Aubiet*.

A 34.<sup>a</sup> divisão, na esquerda do dispositivo, transpoz o Save sem dificuldade em *Lombez*, ocupando esta povoação e *Samat*, do outro lado do rio.

A 6.<sup>a</sup> divisão de cavalaria, que na tarde de 11 chegára á região de Auch, tinha por missão ameaçar as colúnas inimigas da direita.

Quando o dirigível *Adjudant-Vincenot* do exercito C explorava a região ocupada pelas tropas inimigas e voava nas alturas de Agen, um aeroplano do inimigo, tendo saído do aeródromo de Garenne (Agen), passou por cima do dirigível, lançando-lhe projecteis simulados. O centro de aviação do general Chomer estava então em Isle-Jourdain.

Vejamos o que se passou nêste mesmo dia 12 no exercito P.

O general Pau tendo sido informado no dia 11 pelos seus *aviões* que nenhuma tropa inimiga existiam ao norte da estrada Cox-Montaigut-Toulouse, enquanto a sua cavalaria lhe comunicava que nenhuma colúna inimiga se encontrava ao sul da estrada Gimont-Lombez-Rieumes, resolvera reunir no dia 12 as suas tropas á retaguarda da frente Beaumont-Mauvezin-Aubiet, tomando como direcção geral de marcha Mauvezin-Cologne.

A brigada provisoria de cavalaria recebia como missão cobrir o flanco direito, para o que deveria dirigir-se por Aubiet na direcção de Gimont.

No dia 12 de manhã o 12.º corpo d'exercito tomou a direcção sud'oeste.

A 24.<sup>a</sup> divisão (Castelli) marchou na testa, dirigindo-se sobre *Bivès* e *Monfort*, enquanto a vanguarda se estabelecia em *Solomiac*, sobre o *Gimonne*.

A 23.<sup>a</sup> divisão, que seguia na retaguarda, veio ocupar *St.-Clar* e *Isle-Bouzon*.

O movimento de flanco executado pelo 12.<sup>o</sup> corpo fôra coberto pela divisão colonial.

O 18.<sup>o</sup> corpo de exercito, dispondo-se em profundidade na direcção este'oeste, marchou com a 36.<sup>a</sup> divisão na frente, indo ocupar *Puycasquier* e *St. Brès* (10 qm. a oeste de *Mauvezin*) e levando a vanguarda para *St. Antonin*.

A 35.<sup>a</sup> divisão veio ocupar *Montestruc-Roquefort*, sobre a esquerda do *Gers*.

O quartel general do exercito estabeleceu-se em *Lectoure*.

O 18.<sup>o</sup> corpo cobriu-se na direita para repelir qualquer ataque da 6.<sup>a</sup> divisão de cavalaria inimiga.

A brigada provisoria de cavalaria, que avançava sobre *Gimont* foi repelida na direcção de *Aubiet*. O general *Pau* tem o seu centro de aviação em *St.-Clar*, isto é, apenas a 40 qm. de *Isle-Jourdain*, de forma que os dois centros de aviação dos partidos opostos estavam muito proximos.

O contacto tinha sido estabelecido entre os dois exercitos. O combate entre as vanguardas dos dois exercitos era iminente. Era natural que, durante a noite de 12/13, qualquer dos partidos (ou ambos) procurassem ocupar certos pontos de apoio, que facilitassem o ulterior desenvolvimento do combate.

---

Na manhã de 13 ás 6 h. o exercito *C* iniciou o seu movimento ofensivo, partindo da frente *Cox*, *Cologne*, *Touget*, para atravessar o *Gimone*.

A' 31.<sup>a</sup> divisão é dada para linha de marcha *Cox-Casteron*; á 32.<sup>a</sup> divisão é indicada a direcção *Cologne-Tournecoupe*; á 33.<sup>a</sup> linha *Touget-Monfort-Cadeilhan*.

A 34.<sup>a</sup> divisão, viera ocupar *Gimont*, por uma marcha de noite com o fim de realizar um movimento envolvente sobre a direita inimiga, sendo apoiada e coberta pela 6.<sup>a</sup> divisão de cavalaria, que deveria avançar na direcção de *Aubiet*.

Por seu turno o exercito Pau tinha tomado tambem disposições ofensivas para executar um movimento ofensivo e envolvente sobre a direita inimiga.

As 23.<sup>a</sup>, 24.<sup>a</sup> e 36.<sup>a</sup> divisões tinham recebido ordem para transporem ás 5 h. a linha *Gimat*, *Mauvezin* e *Saint-Saury*, devendo atacar respectivamente *Cox*, *Cologne*, *St. Cricq*. Na direita a 35.<sup>a</sup> divisão, em escalão, formava com a brigada provisoria um grupo de combate destinado a manobrar.

A divisão colonial, no flanco esquerdo do dispositivo do exercito *P.*, iniciou muito cedo o movimento, partindo das posições de *Casteron*, que tinha organizado defensivamente com todo o cuidado, e atravessou os terrenos lavrados no maior silencio. Eram 7 h. quando transpoz a estrada que vai de *Castelsarasin* por *Beaumont* a *Mauvezin*, e nesta ocasião os seus esclarecedores anunciaram a presença de tropas inimigas, pertencendo a 31.<sup>a</sup> divisão (16.<sup>o</sup> corpo) e que tinham passado a noite em *Cadours*, enquanto as vanguardas ocupavam *Cox* e *Brignemont*.

A divisão colonial tinha por missão atacar o 16.<sup>o</sup> corpo, fixando-o, para permitir a manobra ás outras divisões. Era verdadeiramente uma missão de sacrificio, pois tinha a combater contra forças quasi duplas.

A divisão colonial procurou aproveitar o mais possivel o terreno, já cobrindo-se com um pequeno bosque, já desenfian-do-se com os varios accidentes do terreno. Poudé assim sustentar um fogo eficas e nutrido; mas quando chegou a curta distancia, o terreno era completamente aberto, permitindo ás forças inimigas bate-lo com fogos de artilharia e infantaria.

Como procurou então avançar a divisão colonial num terreno tão descoberto? Executando uma marcha rapida e passando ao ataque á baioneta, sem que a preparação pelo fogo tivesse facilitado o *assalto*. Os arbitros intervieram então e mandaram neutralisar a divisão colonial.

O ministro da guerra, *M. Etienne*, estava nesta ocasião no alto de *Cox* ( $\Delta$  290), donde viu parte dêste incidente.

Na ala esquerda do exercito *C* o 17.<sup>o</sup> corpo procurava envolver as forças adversas. Como vemos, os comandantes dos dois exercitos procuraram realizar manobras identicas (envolvimento de um flanco), mas em flancos opostos, e com dispositivos diferentes. O exercito *C* apresentava uma frente extensa,

uns 30 qm., de forma a haver uma abertura enorme entre os 16.º e 17.º corpos de exercito.

O general Pau tratou de aproveitar essa falta, e avançou por aquêlê intervalo com o 12.º corpo de exercito e a 36.ª divisão do 18.º corpo, procurando envolver o 16.º corpo, que então era atacado pela divisão colonial.

O general Chomer, vendo que o 16.º corpo resistia aos ataques das forças inimigas, enviou ordem á 33.ª divisão (Bourdériat) para se apoderar de Mauvesin, que era o centro do exercito *P*, e que estava fracamente guarnecida.

Aqui deu-se um encarniçado combate, mas o general Bourdériat conseguia ao meio dia apoderar-se daquêla povoação, onde poucas horas antes o general Pau tinha instalado o seu Q. G.

O 16.º corpo não podera porém resistir aos ataques do 12.º corpo e da divisão 36.ª do 18.º corpo, e era obrigado a retirar na direcção Este, descobrindo assim Toulouse e deixando fracos efectivos em frente das 24.ª e 36.ª divisões inimigas.

O 17.º corpo, tendo como direcção Cologne, procurára envolver a direita do exercito inimigo; mas as forças do general Pau tinham atravessado a linha inimiga e inflingido uma derrota, antes que o movimento envolvente daquele corpo se tivesse feito sentir.

Eram 18 horas quando foram interrompidas as manobras.

As tropas estavam exaustas. No exercito *C* as 31.ª e 32.ª divisões tinham marchado de 12/13 uns 40 qm., de fórma que chegaram fatigadas ao campo de batalha. Houve um regimento que, tendo feito 35 qm. no dia 12, executou uma marcha de 57 qm. no dia 13, e sob uma chuva intensa. Alguns regimentos do 17.º corpo fizeram no dia 13 uma marcha de 60 qm.

Apesar déstas enormes etapes, o soldado gascão mostrava-se alegre.

De 13/14, em virtude da hora adeantada em que terminaram as manobras, as tropas estacionaram no terreno do combate.

No fim da manobra, os arbitros, em virtude de uma ordem da Direcção, foram quem determinaram os locais de estacionamento das unidades, sem intervenção alguma dos *estados maiores* das divisões e corpos de exercito.

Cada arbitro, trabalhando por sua conta propria, sem acôrdo previo, tratou do acantonamento de um certo número de tro-



pas. Daqui resultou uma enorme confusão, pois ao alvorecer do dia 14 se reconheceu que as diversas unidades estavam misturadas. Um trabalho enorme teve lugar para reorganizar as unidades. As tropas descansaram em 14. Nêste dia o ministro da guerra ofereceu um almoço aos generais e aos oficiais estrangeiros que assistiram às manobras.

*(Continúa).*

V. CESAR.

Tenente-coronel



# CRÓNICA MILITAR

## Alemanha

**Cursos de Instrução para generais nas Escolas de tiro de infantaria e artilharia de campanha.** — Nos cursos realizados nas Escolas de infantaria tomaram parte um general procedente de cavalaria, outro de artilharia de campanha, 7 de infantaria, 1 de artilharia a pé, 1 general da Baviera, 1 da Saxonia e outro de Wurtemberg.

Ao curso da Escola de tiro de artilharia assistiram 9 generais, procedentes de infantaria e cavalaria, 1 de artilharia a pé, 1 de engenheiros, 2 inspectores de cavalaria, 2 generais da Baviera, 1 de Saxonia e 1 da Wurtemberg.

**Estatistica de espionagem.** — Os espiões condenados pelos tribunais alemães nos ultimos anos, montam a uma cifra bastante elevada, segundo figura nos dados seguintes: Em 1908 foram condenados 8 pelos tribunais de Leipzig, a maioria a 4 anos de prisão. Igual numero de processos houve em 1909, com penas até 9 anos. No ano seguinte foram presos 13, muitos dos quais sofreram 10 anos de prisão. As penas elevaram-se a 12 anos para alguns dos espiões de 1911.

O mais curioso é que a maioria deles são alemães: doutras nações são: 4 ingleses, 3 franceses, 2 russos, 1 italiano e 1 belga.

**Dirigiveis e telegrafia sem fio.** — Pela primeira vez, e para a travessia de Friedrichshfen a Hamburgo, foi dotado o *Zepelin III*, de aparelhos de radio-telegrafia e portanto os tripulantes puderam anunciar a hora da chegada do dirigivel.

Os jornais alemães occuparam-se dele, fazendo ver as vantagens que resultariam em dotar deste modo os grandes dirigiveis todas as vezes que podessem reconhecer as posições e movimentos das esquadras britannicas desde Rouyth até Dover e comunicar os dados obtidos aos navios alemães.

Assim fica explicada a razão porque a Alemanha está construindo com tanto afan uma enorme esquadilha aerea. Por muito grande que seja o interesse que as auctoridades germanicas prestem ás condições de seus dirigiveis e ao aperfeiçoamento dos meios de comunicação com eles, e deles para a terra, não é menor a atenção prestada ao uso dos aeroplanos na guerra, e todos os esforços tendem a reduzir as vantagens que a França tem obtido.

**Projecteis incendiarios.** — Acabam de realizar-se em Neumannswald (Alemanha), experiencias com um projectil incendiario, inventado pelo major Lenz, contra os dirigiveis.

Consiste em um tubo de aço cheio de uma mistura explosiva que o faz explodir no momento do choque com a coberta do dirigível. Os resultados obtidos não podiam ser melhores, pois conseguiram-se os efeitos desejados em cada um dos disparos feitos contra um pequeno globo.

O unico inconveniente que apresenta é que o projectil não póde ser lançado por armas de pequeno calibre, pelo que o seu emprego ficará limitado ao armamento Mauser, atualmente em uso nas secções organisadas contra aeroplanos e dirigiveis, mas com um calibre menor.

**Trens automoveis.**— Adquire cada dia maior incremento o serviço de automoveis militares. A administração militar estabeleceu subvensões para os possuidores de camions automoveis que podem prestar serviços ao exercito em ocasião oportuna.

Atualmente ensaiou-se um trem automovel militar, composto de tractor e rebocador, capaz de conduzir até 6.000 quilogramas de carga util.

**Filtros de campanha.**— Nas ultimas manobras experimentou-se com bons resultados a preparação de agua potavel em campanha, mediante a filtração. O filtro de campanha é de grande capacidade e está montado sobre uma caruagem puxada por 2 cavalos, e possui a mobilidade e ligeireza necessaria para acompanhar as tropas de infantaria e cavalaria.

**Metralhadoras.**— Nas alturas de Gueheviller fez-se um ensaio de transportes de metralhadoras, pela organização do 142 de infantaria em Mulhouse. Estas foram transportadas ás costas de soldados munidos de skis. Os resultados bastante satisfatorios provaram que é possivel importar secções de metralhadoras nas alturas alpinas.

**Novos efectivos.**— No ano ultimo findo o efectivo total do exercito activo elevou-se de 330.990 a 720.000 homens, e calcula-se que no fim deste ano se atingirá a cifra de 820.000 homens. Além disso, este ano é destinado um credito de 20.000.000 de marcos para serem applicados inteiramente no fomento da aviação militar e aquisição de aeroplanos.

**Organização da artilharia—Artilharia de campanha.**— A nova lei militar não cria nenhuma formação de artilharia de campanha, mas aumenta consideravelmente os efectivos de paz. Estes serão de dois tipos para as baterias montadas (peças de campanha e obuzes):

Efectivo forte: 4 officiais, 20 sargentos, 123 cabos e soldados, 100 cavalos (70 são de tracção) em logar de 4 officiais, 17 sargentos, 109 cabos e soldados e 82 cavalos.

Efectivo fraco: 4 officiais, 18 sargentos, 166 cabos e soldados, 75 cavalos (50 de tracção) em logar de 4 officiais, 17 sargentos, 94 cabos e soldados, 70 cavalos (efectivo medio) e 4 officiais, 17 sargentos, 83 cabos e soldados, 55 cavalos (efectivo fraco).

Quanto ás baterias a cavalo, que são a 4 peças, o seu efectivo será elevado a 4 officiais, 19 sargentos, 118 cabos e soldados e 144 cavalos, dos quais 63 de tracção. Nestas condições as baterias poderão atrelar.

As baterias de efectivo forte, regularmente, 6 peças, 4 carros, um dos quais observatorio : e, em realidade, empregando os cavalos novos e os Krümper, 12 das 13 viaturas de bateria de tiro.

As baterias de efectivo fraco, 6 peças de um carro observatorio (na realidade 9 das 13 viaturas de bateria de tiro).

Nas baterias a cavalo, toda a bateria de tiro.

Por outro lado a nova lei fixou em 288 o numero de baterias montadas de efectivo forte.

Considerando que, segundo a lei de 1912, a artilharia montada deve comprehender : 36 baterias dispendo de 82 cavalos ; 390 dispendo de 70 e 126 a 55, vê-se :

1.º Que o numero de baterias que teem um efectivo sufficiente para podem ser mobilizadas occultamente sem recorrer ás unidades proximas, é augmentado em enormes proporções e que o seu primeiro escalão póde comprehender toda a bateria de tiro.

2.º Que todas as baterias teem um efectivo sufficiente para assegurar realmente a instrução e para que a atrelagem da bateria em pé de guerra não tome o character de um improviso. Emfim, que todas as baterias dispõem de um numero de sargentos sufficiente para assegurar um bom enquadramento das unidades mobilizadas.

Notar-se-ha que não se deu seguimento aos *desiderata* frequentemente reservados na imprensa tendentes á organização de todas as baterias a 4 peças. Ainda que tendo reconhecido a vantagem desta organização, os alemães teem, na realidade, observado que as dificuldades externas não lhes permitiam, neste momento, efectuar modificações profundas na organização existente.

**Quadros complementares.**—O quadro complementar é elevado a 1 official superior e 2 capitães, dos quais um de pouca antiguidade, por regimento (actualmente 1 official superior e 1 capitão).

Esta medida terá por efeito, por um lado, diminuir os empréstimos feitos nos quadros activos, para assegurar o comando das unidades de reserva ; por outro lado, melhorar as condições de promoção dos 1.ºs tenentes.

Artilharia a pé :

A nova lei cria :

3 regimentos a 2 batalhões de 4 baterias ;

1 batalhão (Wurtemberg não tem artilharia a pé) ;

5 baterias para os batalhões dos 2.º e 17.º regimentos prussianos e o 10.º bavaro, ainda a 3 baterias (todos os batalhões, excepto 2 bavaros, serão agora a 4 baterias) ;

23 grupos de atrelagem, dos quais 21 com efectivo fraco ; 18 destes ultimos provém do desdobramento de 9 grupos de atrelagem dos regimentos repartidos entre 2 guarnições ; cada batalhão isolado terá, pois, o seu grupo de atrelagem de fraco efectivo.

Alem disso, fazem-se, por batalhão, os aumentos seguintes :

Em 21 batalhões, 16 sargentos, 158 cabos e soldados, e em 25, 8 sargentos, 58 cabos e soldados.

Na Escola de tiro, 20 sargentos, 132 cabos e soldados.

Emfim, o numero de tenentes-coroneis e capitães do quadro complemen-

tar, é aumentado de maneira que cada regimento tem pelo menos a este título, 1 tenente-coronel ou major e 1 capitão.

Estas modificações conjugam-se com o desenvolvimento das fortificações e com a importancia que se liga, cada vez mais, na Alemanha, ao emprego da artilharia a pé na guerra de campanha, importancia que acaba de fazer sobressair a campanha dos Balkans.

Quando estas modificações estiverem realizadas, a artilharia a pé comprehenderá :

27 regimentos e 1 batalhão, ou sejam 55 batalhões ;

1 regimento de Escola de tiro, ou sejam 2 batalhões ;

38 grupos de atrelagem, dos quais 21 de efectivo fraco.

Seja um total de 226 baterias e um de experiencias.

## Belgica

**Defeza nacional.**—O governo belga decidiu confiar a defeza da provincia de Luxemburgo a exercito territorial cujos soldados serão instruidos nos centros de instruções, que serão creados em diferentes localidades da mesma provincia.

Nestes centros serão incorporados anualmente 300 milicianos luxemburgueses, repartidos em seis companhias que formarão um batalhão de caçadores.

O estado maior a tres companhias terão a sua séde em Arlon, restantes colocados em Neufchateau, Marche e Bostogna.

O tempo de serviço, como de resto para todo o exercito, será de 15 meses.

Calcula-se que o total desta organização dará um efectivo de 3.000 a 4.000 homens para as 13 classes de milicias e 20.000 para o levantamento em massa.

A sua instrução será essencialmente pratica e recahirá, além da disciplina, sobre o tiro e marchas, e bem assim nos trabalhos técnicos de fortificações do campo de batalha.

Alguns destes homens estarão providos de bicicletas e será tambem organizada uma secção de metralhadoras.

## Espanha

**Officiais admitidos na Escola de Guerra.**—O numero de officiais admitidos em 1913 na Escola de Guerra, eleva-se a 40. Estes officiais foram assim distribuidos :

	Capitães	Tenentes
Infantaria . . . . .	8	16
Cavalaria . . . . .	4	3
Artilharia . . . . .	1	5
Engenharia . . . . .	3	—

## Estados-Unidos

**Projectels humanitarios.**—Fala-se no estudo no exercito norte-americano de um curioso projectil humanitario denominado *bala narcotica* pelos efeitos que produz.

Este projectil goza da propriedade de insensibilisar e adormecer todo aquele que por elle seja tocado.

O seu efeito é instantâneo e põe fóra de combate quem tenha sido ferido por este projectil, podendo depois curar-se rapidamente segundo as experiencias praticadas.

**Pessoal do corpo de aviação.**—Atualmente está-se lutando com dificuldades na organização do corpo de aviação, em consequencia da falta de pessoal habilitado. Até agora só se contam com 12 officiais e muitos dos que tinham pedido ingresso na Escola de Aviação apresentaram a sua renuncia.

As tentativas de substituir os officiais por sargentos e outro pessoal tem sido infructiferas. A causa principal desta crise é attribuida aos grandes vencimentos e vantagens oferecidas pelas empresas civis.

## **França**

**Experiencias de tiro contra aeroplanos.**—No campo de Chalons fizeram-se experiencias com o fim de obter dados relativos á eficacia do tiro sobre alvos aereos.

Foi elevada a 290<sup>m</sup> um alvo representando um aeroplano, que era arrastado por um automovel, marchando com a velocidade de 60 quilometros por hora.

Sobre ele fizeram fogo duas secções de infantaria á distancia de 800<sup>m</sup> a 900<sup>m</sup>, disparando 9 cartuchos cada soldado. No alvo, que tinha 6<sup>m</sup> de largo por 7 de comprido, encontrou-se unicamente 12 sinais (13 por 100); este numero desceu a 1,2 por 100 em outro tiro contra outro alvo de forma paralelipeda com as dimensões de 1<sup>m</sup>,5×1<sup>m</sup>×1<sup>m</sup>.

Os resultados obtidos com as metralhadoras foram de pequena importancia.

**Artilharia.**—Ha já bastante tempo que se sabia que a França tratava de adotar um novo obuz ligeiro de campanha.

Em janeiro do ano passado efectuaram-se algumas experiencias no Monte Valeriano com obuzes modelos de 2,7 e 4,7 polegadas de calibre; em fevereiro repetiram-se com outro modelo do ultimo calibre e em março com um de 4 polegadas.

A atual artilharia pesada de campanha dispõe do conhecido obuz Rimailo de 5 polegadas, com freio hidraulico e recuperador pneumatico.

Existe em França certa tendencia entre alguns officiais contraria ao emprego do tiro curvo, excepto para a artilharia pesada.

Foi apresentado um projecto de um canhão mais ligeiro para a artilharia a cavalo, que teve bastante aceitação.

Em Bourgen experimentaram-se granadas sem explosivos violentos, tendo-se dado casos de explosões prematuras, em vista do que o Ministro da Guerra expediu severas instruções recomendando a necessidade de tomar precauções especiais.

Algumas experiencias com granadas iluminantes tiveram grande exito.

**Instrução militar preparatoria.**—Existem atualmente em França umas 1.200 sociedades para ministrar instrução a mancebos.

Nestas escolas educam-se uns 5.000 homens, que entram no exercito com os seus correspondentes diplomas.

No ano passado foram promovidos a cabos uns 1.207 soldados pertencentes a esta classe; a sargentos, 534, e foram classificados oficiais de reserva mais de 100.

**Lei de promoções.**—Foram fixadas as seguintes antiguidades para as promoções pelo Ministerio da Guerra: Generais, 31 de julho de 1910; Coroneis, 30 de junho de 1909; Tenentes-coroneis, 30 de junho de 1910; Majores, 31 de março de 1910.

Estes limites de antiguidade foram reduzidos para os officiaes do Estado-Maior. Para os tenentes foi fixada a antiguidade de 29 de setembro de 1903.

**Experiencias duma nova bala.**—O Ministro da Guerra, declarou recentemente que em breve serão levadas a efeito experiencias com o fim de dotar a espingarda de infantaria com uma bala de maior poder de penetração do que a atual bala D, e que não tenha os inconvenientes deste, sob o ponto de vista do desgaste das estrias do cano.

Já em 1909 foi experimentada por um comissão em Versailles, uma bala formada por uma liga especial de metaes *Dergnesse*, nome do seu inventor, a qual a 1.000<sup>m</sup> perfurou as placas de Hindegem empregadas nas experiencias, e que a 600<sup>m</sup> não foram atravessadas pela bala D.

Em 1910 a 1911, repetiram-se os ensaios atravessando-se com a bala *Dergnesse* a 1.200<sup>m</sup> placas daço chromado de 5<sup>mm</sup>, podendo portanto alcançar os serventes de artilharia ocultos por detraz dos escudos.

As futuras experiencias terão como objecto, afim de conseguir a adopção do novo projectil, o aumento de potencia á espingarda francesa sem ser necessaria a substituição do armamento, já indicado como possivel pelo governo e que exigiria, segundo calculos feitos, uma despeza de uns 500 milhões de francos.

**A população de Marrocos submetida ao protectorado francês.**—Segundo uma estatistica ha pouco publicada, a população das diferentes regiões de Marrocos submetidas ao protectorado francês, segundo os dados obtidos pelos serviços de informação, é a seguinte: Gharb (desde o *limite da zona espanhola* até 100<sup>m</sup> e até o Schn), 65.500 habitantes; região de Fez, 236.000; região de Mequinez, 221.120; região de Rabat, 170.550, a região de Clania (compreendidos os Beai-Meshina e Cesablancn) 259.200, região de Donkkala, 250.000; região dos Abda e dos Abmar, 200.200; região Hauz, 594.060; região da esquerda do Mulava, 108.500; região da direita de Maluya, 190.170. Total, 2.296.100 habitantes.

Estes numeros não são considerados como exactos, mas aproximam-se e nelles não estão comprehendidas a região de Tadla, as tribus do Gran-Atlas, as do Sul do Atlas medio o Sul das regiões do Salhará.

Pode, pois, aproximar-se a cifra de 3 milhões para o total da população indigena do protectorado.

## Grecia

**Serviço militar.**—É obrigatorio o serviço, a partir da idade de 21 anos e durante um periodo de 30, sendo excluidos os mancebos que hajam sido condenados a prisão.

As diversas situações são: dois anos em serviço activo, dez na reserva deste, oito no exercito territorial e dez na reserva deste ultimo.

Os dispensados do serviço em tempo de paz formam parte do exercito territorial, no que passarão vinte anos, e dez na reserva.

**Reorganização do exercito.**—Segundo os projectos apresentados pelo governo á Camara, os efectivos aumentam em 3.000 homens; ao mesmo tempo suprimem-se certas unidades que não tinham existencia efectiva, como companhias de 50 homens e esquadrões e baterias sem gado.

As unidades fixadas serão dotadas com os seus elementos, e para esse fim foram adquiridos 1.000 cavalos neste ano.

O numero de officiaes superiores é aumentado e o de subalternos reduzido. Em caso de mobisação, estes logares serão ocupados por officiaes de reserva.

## Holanda

**Reorganização do exercito.**—Pela actual reorganização, compreende o exercito holandês, quatro divisões, cada uma com 3 regimentos a 4 batalhões em tempo de paz e 6 em pé de guerra. O 5.º batalhão tem somente em tempo de paz o quadro completo e o 6.º nada mais que um capitão e 4 tenentes.

No momento de mobilisação seria, pois, necessario constituir novas unidades, e evita-se isto, mas acelerando a passagem para o pé de guerra, pela reorganização projectada, para o que já foram concedidos os creditos necesarios.

Com a nova organização, serão constituídos em todos os regimentos os 6 batalhões completos em pé de paz, desdobrando-se aqueles, organisando-se com os 72 batalhões, 4 divisões de 3 brigadas, com 2 regimentos a 3 batalhões. Sendo duplicado assim o numero de regimentos, para evitar despezas excessivas, as novas brigadas serão comandadas pelos coroneis dos actuais regimentos e os novos regimentos a 3 batalhões por tenentes coroneis.

Cada divisão contará com 12 baterias a 3 peças, comandadas, metade por capitães e a outra por tenentes.

A artilharia de costa será reorganizada tambem, constituindo-se uma reserva movel.

Esta nova organização já começou a ser levada a efeito a partir de 1 de abril do ano passado.

**Experiencias das polvoras sem chama.**— A *Artilleristische Monatsheft*, chama a atenção para estas experiencias que se tem recebido na Holanda desde 1907.

As primeiras experiencias sobre polvoras do fabrico holandês de nitroglicerina, ás quais foi acrescentado carbonato de potassa, vaselina e substancias rezinosas, em proporções variaveis, constataram uma diminuição de clarão mas uma mais consideravel produção de fumo.



Polvoras alemães, convenientemente tratadas, permitiram mais tarde diminuir gradualmente a visibilidade da chama e do fumo.

Atualmente, a comissão estuda a estabilidade destas ultimas polvoras assim como as suas propriedades químicas e balísticas.

## **Inglaterra**

**Os territoriais do ano de 1913.**— Segundo as publicações oficiais as cifras que alcançaram o efectivo do exercito territorial durante as concentrações que se efectuaram naquele ano são os seguintes :

Assistiram aos exercicios 6.855 oficiais e 154.995 soldados durante 15 dias; 1.014 oficiais e 66.366 soldados por 8 dias e 47 oficiais e 314 soldados por menos de 8 dias, e deixaram de comparecer 1.325 e 27.331 soldados com autorisação e 37 oficiais e 6.019 soldados sem ela.

Em relação ás cifras previstas, ha um *deficit* de 2.000 officiaise 50.000 soldados.

## **Italia**

**Vigilancia das redes telefonicas nas praças fortes.**— Em cada regimento de artilharia de praça foi creado um pessoal especial, encarregado da instalação e vigilancia das linhas e aparelhos telefonicos dependentes do serviço de artilharia nas praças fortes e nos parques.

Este pessoal será constituído pelos chefes de guarda-fios em serviço permanente e por guarda-fios escolhidos entre as praças do exercito activo e voluntarios que tenham feito um periodo de instrução militar de 4 mezes e assistido a um curso tecnico especial.

Em caso de mobilisação será completado o pessoal com as praças licenciadas que tenham exercido essas funções.

**Curso de automobilismo para officiais.**— Independentemente de curso de instrução de automoveis para sargentos, que funciona anualmente em Turim, serão mandados a Roma um certo numero de officiais de todas as armas para frequentarem no destacamento do 6.º regimento de engenheiros um curso de automobilismo por tempo de um mez.

No ano passado seguiram a instrução 15 officiais de artilharia, 1 de engenharia, 4 de infantaria e 3 de cavalaria.

**Aviação em Tripoli.**— Os italianos aproveitaram a campanha de Tripoli para instruir os seus aviadores no serviço de campanha. Dispõem atualmente de 23 aeroplanos, dos quais são 3 Etrich, 9 Bleriot, 3 Nieuport e 1 Duperdussin, todos monoplanos e 7 biplanos Henri-Farman.

Estão encomendados varios monoplanos Bleriot, Nieuport e Duperdussin.

Havia até ha pouco em Tripoli 32 aviadores.

**Material para secções de metralhadoras.**— A metralhadora modelo 1906 (sistema Maxim) que era regulamentar para as secções de metralhadoras affectas aos regimentos de bersaglieri, de alpinos e de cavalaria, será dora avante substituida por uma arma do mesmo tipo, mas de modelo mais ligeiro.

O material necessario para o transporte, serviço e emprego deste novo material, diferirá igualmente do material agora em uso:

**Dados numericos sobre o canhão Deport.** — O *Général Civil* dá as seguintes informações sobre o material Deport adotado em 1912 :

Calibre. . . . .	75 <sup>mm</sup>
Velocidade inicial . . . . .	510 <sup>m</sup>
Peso da peça em bateria. . . . .	1.040quil.
Peso do armão com 22 tiros . . . . .	560quil.
Peso da viatura peça . . . . .	1.600quil.
Peso do projectil . . . . .	6,5quil.
Peso da carga de polvora microcelulose . . . . .	0'6quil.
Altura de joelheira. . . . .	0 <sup>m</sup> ,85
Campo de tiro normal . . . . .	45°
Campo de tiro possivel . . . . .	54°
Campo de tiro vertical normal . . . . .	-10° a +50°
Campo de tiro possivel . . . . .	-10° a +70°

A *France militaire*, diz que no fim do ano que acaba de findar, 40 baterias de campanha deviam ficar armadas com o novo material.

## Japão

**Condições para exercer as funções de ministro da guerra.** — Nos termos duma resolução comunicada oficialmente em 15 de junho ultimo, os ministros e vice-ministros da guerra que, até então deviam ser escolhidos entre os officiaes generais em activo serviço, poderão sel-o dora avante entre os officiaes generais na reserva. A unica condição imposta é que os ministros devem ter o posto de general ou tenente-general, e os vice-ministros o posto de tenente-general ou major-general.

**Tropas de artilharia.** — A artilharia de campanha compõe-se de 25 regimentos e 2 grupos de 3 baterias. Em tempo de guerra cada regimento forma outro de reserva a 4 baterias e 1 bateria de 2.<sup>a</sup> reserva.

O efectivo da bateria em tempo de paz é de 5 officiaes, 123 praças e 62 solipedes, e em tempo de guerra é de 5 officiaes, 136 praças e 112 solipedes.

Na artilharia a cavalo, cada uma das brigadas de cavalaria tem 2 baterias, o que dá um total de 8 baterias com uma organização parecida á de campanha.

Tambem existem 3 grupos de artilharia de montanha a 3 baterias e outros 3 independentes. O efectivo de paz é de 5 officiaes, 122 praças e 37 solipedes e em caso de guerra de 5 officiaes, 196 praças e 96 cavalos.

A artilharia pesada é constituída por 24 batalhões de praça e 6 regimentos de artilharia pesada de campanha.

**Edade dos officiaes.** — Até agora ascendia-se a official superior aos 37 anos, ordinariamente. Com o fim de poder acelerar as promoções, foram fixadas as seguintes edades para reforma forçada : generais de divisão, aos 62 anos ; ge-

nerais de brigada, aos 58 anos; coroneis, aos 55; tenentes-coroneis aos 53; majores, aos 50; capitães aos 48, e subalternos aos 45 anos.

## Noruega

**Exercícios Invernais.**— Os recrutas são incorporados na primavera, permanecendo nos quartéis até final da sua instrução.

No inverno a vida militar concentra-se principalmente nas escolas de sargentos, que são na sua maioria em Cristiania. A instrução dos recrutas é muito reduzida, durando 72 dias na infantaria, 116 na artilharia e 126 na cavalaria.

Em compensação, a instrução nas citadas escolas é muito completa, não só teorica, como praticamente, sendo sobretudo interessantissimas as manobras ou exercicios invernais. As ultimas tiveram logar em Sanviquep e Tanun em meados de fevereiro e resolveram-se importantes problemas da arte da guerra, sendo presenciadas por adidos militares de países estrangeiros.

## II

# PARTE MARITIMA

## Austria-Ungria

Um decreto imperial transformou o posto de Sebeniso em base naval principal, colocado debaixo do comando de um contra-almirante, que terá, além disso, autoridade sobre o departamento maritimo. Este oficial general içará o seu distintivo sobre um navio guarda-costas e terá sob as suas ordens directas uma flotilha da defêsa naval, composta de submarinos e torpedeiros.

Sebenico, que se torna assim com Pola o segundo porto militar do imperio, fica colocado proximamente a meia costa da Dalmacia, quase a meia distancia entre Pola e as bôcas do Cataro. E' um apoio indispensavel da frota que, partindo de Pola, deve marchar na especie de canal formado pelas ilhas Dalmatas, para tomar posição em Teodo, nas bôcas do Cataro. Sebenico possui já uma escola de oficiais inferiores, um deposito de minas flutuantes e de torpedos fixos, uma estação semaforica perfeitamente adequada e organizada; e emfim um navio officina — o *Vulkan*.

O almirante Montecuccoli, antigo comandante superior da marinha, responde numa carta, que se tornou publica, ás criticas levantadas a proposito do armamento dos couraçados tipo *Viribus Unitis*.

Se a peça de 305<sup>mm</sup> Skoda foi adotada para estes couraçados foi porque na época da sua concepção não se dispunha ainda duma peça de maior calibre experimentada e perfeitamente eficaz, emquanto que a peça de 305<sup>mm</sup> merecia toda a confiança.

Quanto á disposição destas peças em torres triplices, permitiu montar 48 peças de grosso calibre em quatro couraçados dum deslocamento relativamente moderado, e esta disposição deu nos ensaios de artilharia os bons resultados que se esperava.

## Chili

O couraçado-almirante *Latorre*, foi lançado ao mar em Elswick no dia 27 de novembro pp. Este couraçado chileno de 28.000 toneladas, foi construído na casa Armstrong Whitworth and C.<sup>a</sup> é irmão do *Cochrane* de 191<sup>m</sup> de comprimento, 28<sup>m</sup> de boca, 8,69 de calado, 28.000 toneladas de deslocamento. Velocidade, 23 milhas. O armamento principal compreende dez peças de 14 polegadas (356<sup>mm</sup>) e o secundário compreende 16 peças de 152<sup>mm</sup>; quatro de 76<sup>mm</sup>; duas de 16<sup>mm</sup> para desembarque; quatro metralhadoras Maxim; quatro tubos lança-torpedos submarinos de 553<sup>mm</sup>.

Tanto o *Latorre* como o *Cochrane* serão os navios mais poderosos da armada chilena, e terão cada um, uma guarnição de 1.073 homens.

## França

**Navios porta-minas «Cerbère» e «Pluton».** — Estes navios são as duas primeiras unidades especialmente construídas para o emprego de minas submarinas. Tem o aspecto de grandes barcas com o deslocamento de 594 toneladas, comprimento entre perpendiculares, 59<sup>m</sup>, boca, 8<sup>m</sup>,30, calado água a ré carregado, 3<sup>m</sup>,25. O casco é de aço Siemens, apresentando as suas chapas uma resistencia de 19 0,0 de alongamento e 60<sup>k</sup> por milimetro quadrado de rutura, a quilha dáço é protegida por uma quilha de téca no comprimento de 40 metros. Possui robaletes de 25 metros de comprimento e 25<sup>cm</sup> de largura, para facultar a maior estabilidade, em vista do grande pezo das minas se achar em ponto elevado. O casco é dividido transversalmente em dez compartimentos estanques independentes.

Os alojamentos da equipagem são á pôpa e o dos officiais a vante.

A electricidade é fornecida por um dinamo de 4 kw. 80 w. O serviço de esgoto compõe-se dum Thirion de 15 toneladas de capacidade á hora. Tem 2 máquinas de triplíce expansão, fôrça de 3.000 cavalos e duas hélices. Comporta 190 toneladas de carvão que lhe dão o raio de acção de 300 milhas a toda a fôrça e de 1.900 milhas á velocidade de 16 milhas, que é sufficiente para um cruzeiro no Mar do Norte e no Mediterraneo.

Como precisa de grandes facilidades de evolução é munido de dois lemes, um a vante, outro a ré, tendo o primeiro 2<sup>m</sup>2,20 e o segundo, 4<sup>m</sup>2,60.

O armamento compõe-se de uma peça de 75<sup>mm</sup> a vante e de 140 minas submarinas Sauter-Harlé.

Estas minas estão dispostas em quatro calhas no convez superior.

São lançadas á água por duas grandes escotilhas dispostas á pôpa, uma de cada lado. Cada navio transporta o carregamento de 10 destroyers.

As minas podem flutuar á profundidade de 4 metros abaixo da superficie da água e o calado da água dos navios foi calculado permitir-lhe passar sem perigo por cima da zona de fundeamento dos torpedos.

Tem a velocidade de 20 milhas.

A 30 de setembro, nos estaleiros de Saint-Nazaire, foi lançado ao mar o couraçado *Lorraine*. Os outros dois desta classe, *Provence* e *Bretagne*, foram lançados a 20 e 21 de abril último nos arsenais de Lorient e Brest, como já dissémos nesta revista.

Estes navios aproximam-se pelo seu armamento principal, sua disposição, e pelo seu deslocamento, dos navios de linha ingleses, tipo *Orion*, com a vantagem porém de um couraçamento mais extenso e de um armamento secundario mais poderoso.

Pela recente orientação fixadas as divisões serão compostas de quatro unidades, em vez de três, e assim teremos a 1.<sup>a</sup> divisão formada pelas 4 unidades da classe *J. Bart* (XII—305<sup>mm</sup>); 3.<sup>a</sup> divisão—as quatro unidades da classe *Normandie* (XII—340<sup>mm</sup>); sendo a 2.<sup>a</sup> divisão formada pelos três couraçados da classe *Bretagne* (X—340<sup>mm</sup>), esperando-se em breve a construção do couraçado *Vendée*, que será a quarta unidade desta divisão, mas será construído segundo os planos da classe *Normandie* e portanto armado com 12 canhões de 340<sup>mm</sup> em três torres quadruplices, porém com a diferença de ter os aparelhos motores exclusivamente constituídos para turbinas.

Por proposta do ministro da marinha aprovada pelo conselho de ministros, adotar-se há a seguinte distribuição das forças navais:

A frota do Mediterraneo compreenderá duas grandes esquadras de linha:

1.<sup>a</sup> esquadra—Os dois *J. Bart* e os seis *Danton*;

2.<sup>a</sup> esquadra—Os cinco *Patrie*, o *S. Louis*, *Gaulois* e *Bouvet*.

**Divisão dos navios escolas.**— Os couraçados *Charlemagne*, *Suffren* e *Jauréguiberry* constituirão a divisão dos navios escolas, em substituição dos velhos couraçados: *Requin*, *Courbet* e *D'Entrecartreaux*, dos quais os dois primeiros, de nenhum valor militar, passarão á reserva.

O cruzador couraçado *Jules Michelet* fará parte do serviço de exploração das forças navais do Mediterraneo.

Em 1914, quando entrarem em serviço os outros dois dreadnoughts *France* e *Paris* a composição será a seguinte:

1.<sup>a</sup> esquadra—4 *J. Bart* (1.<sup>a</sup> divisão) e 4 *Danton* (2.<sup>a</sup> divisão);

2.<sup>a</sup> esquadra—5 *Patrie* e 2 *Danton*.

**Divisão de navios escolas.**— *Suffren*, *Bouvet*, *S. Louis*, *Gaulois*, *Charlemagne*, *Jauréguiberry*.

A força activa do Mediterraneo será então de 15 couraçados, com efectivos completos, e de uma esquadra de reserva de instrução, mobilizavel em caso de necessidade.

## Inglaterra

**O desenvolvimento da aeronautica naval na Inglaterra.**— São seis as estações aeronauticas que foram criadas há apenas seis meses, a saber:

A da Ilha de Grain, na embocadura do Medway, criada em 1 de abril;

Calshot, na margem oeste da embocadura da ribeira de Soutampton, tambem criada em 1 de abril;

Harwich, criado em 15 de abril;

Jarmouth, igualmente aberto em 15 de abril;

Há mais 4 estações em projecto, todas situadas na margem Este da Gran-Bretanha e são Cleethorpen, perto de Grimsby, na margem Sul do estuario do Humber; Filey, a algumas milhas ao Norte do Cabo Flamborough; Leven, perto de Kirkcaldy na margem norte do estuario do Forth.

Kirkwall, nas ilhas Orcades.

O desenvolvimento do pessoal segue da mesma maneira e o *Naval Wing of Royal Flying Corps* (ramo naval do corpo de aeronautica) conta já com 62 officiais e 275 homens em activo serviço.

A marinha britanica dispõe de 75 hidroaeroplanos e 75 pilotos.

O resto do serviço aeronautico maritimo é completado pelo dirigivel *Parseval* de 8.500 metros cúbicos, pelo cruzador *Hermes* disposto a transportar 3 hidroaviões e o torpedeiro 23.

**Aviadores lançadores de bombas.** — Por determinação do Almirantado inglês fizeram-se recentemente no aerodromo de Hendon, interessantes experiencias de lançamento de bombas dum aeroplano.

Verificadas essas experiencias de noite, a silhouete geral dos aeros desenhava-se por uma série de lampadas que permitiam seguir as evoluções.

No aerodromo, no sólo, tinha-se colocado uma caixa de madeira, simulando o casco dum navio de guerra, iluminado por luzes que reproduzem, o mais exactamente possível, as luzes regulamentares.

O vôo dos aviadores nêstas condições constitue um espectáculo novo. O aparelho desaparecido na obscuridade, surgia, desenhado por linhas de fogo que se desenvolvem num centro luminoso e o estampido das bombas pode-se observar perfeitamente e vêr, devido á destreza dos apontadores, incendiando o objectivo que servia de alvo.

Trata-se de apressar a construção dos cruzadores exploradores e dos contra-torpedeiros do proximo programa orçamental.

O couraçado *Benbo* foi lançado ao mar a 12 de novembro no estaleiro de Bearmore em Dalmuir. É o último da série *Marborough, Delhi, Iron Duke*, de 28.000 toneladas, de 22.000 cavalos e 22 milhas, aperfeiçoamento último dos couraçados tipo *Orion* e *George V*, e de que a qualidade dominante sobre estes dois tipos parece consistir numa maior solidez, um couraçamento de 343<sup>mm</sup> em lugar de 305<sup>mm</sup> na flutuação, e num armamento secundario consistindo em dezaseis canhões de 152<sup>mm</sup> de 50 calibres, e doze de 57<sup>mm</sup> em lugar de 102<sup>mm</sup>.

A grossa artilharia, disposta em cinco torres axiais, é a mesma que a dos *King-George V*, dez canhões de 343<sup>mm</sup>, marca V de 45 calibres.

## Italia

A entrada em serviço dos couraçados de 22.000 toneladas *Giulio Cesare* e *Leonard-da-Vinci*, dos exploradores *Marsala* e *Ninio Bixio*, faz modificar como se segue a composição do exercito naval italiano :

1.<sup>a</sup> esquadra — Seis couraçados. Comandante em chefe do exercito naval e da 1.<sup>a</sup> divisão, vice-almirante Amero d'Arte no *Dante Alighieri*.

### Primeira divisão :

*Dante-Alighieri, Giulio Cesare, Leonard-da-Vinci* (couraçados); explorador *Nino Bixio*; quatro contra-torpedeiros classe *Audace*.

**Segunda divisão :**

*Garibaldi* (contra-almirante Tifani), *Varese*, *Francesco e Ferruccio*, cruza-dores-couraçados ; exploradores *Coatit* e *Agoudat* ; quatro contra-torpedeiros tipo *Lanciere*.

2.<sup>a</sup> esquadra—Vice-almirante Duc de Abruzos.

**Primeira divisão :**

*Regina Elena* (almirante), *Vitorio Emanuele*, *Roma*, *Napole*, couraçados ; explorador *Quarto*, quatro contra-torpedeiros tipo *Indomito*.

**Segunda divisão :**

*Pisa*, (contra-almirante Cagni Umberto), *Amalfi*, *San Giorgio* (cruzado-res-couraçados) ; explorador *Marsala*, quatro contra-torpedeiros tipo *Carabi-niere*.

Os couraçados *Condi-de-Cavour*, *Andrea Doria* e *Duilio*, de 22.000 ton., devem substituir sucessivamente, e á medida do seu acabamento, os *Varese* da primeira esquadra.

O exercito naval italiano será então constituído por 13 grandes unidades, tendo todos atingido ou excedido 22 milhas nas experiencias.

Os couraçados *Re-Umberto*, *Sicilia* e *Sardenha*, que formavam a divisão das escolas, são desarmados e vão servir na defêsa das costas.

Conforme o sistema últimamente adotado, a divisão das escolas é constituída por navios tendo um valor militar real. Na Italia formam a 3.<sup>a</sup> divisão da 1.<sup>a</sup> esquadra, e são os couraçados :

*Benedetto Brin* (contra-almirante Cutinelli Rendino), escola de artilharia ; *Regina-Margherite*, *San-Marco*, escolas de tiro no mar ; cruzador-couraçado *Carlos Alberto*, (escola de torpedos) ; cruzadores *Liguria*, *Miseno*, *Palmiro*, escolas de moços.

São no total 17 couraçados armados, entre os quais três dreadnoughts.

## Japão

**Cruzador-couraçado «Hiei».** — Acha-se em experiencias o cruzador-coura-çado *Hiei*, lançado ao mar em novembro do ano passado e cujos planos são semelhantes aos do *Princess Royal* da marinha britanica. As suas caracteristi-cas são, deslocamento 27.500 toneladas ; comprimento 210 metros ; bôca 27,8 ; calado d'agua 8,4.

As maquinas de turbinas Parsons com 36 caldeiras, são de 68.000 cava-los e devem dar ao navio a velocidade de 27 a 28 milhas. O armamento consta de 8 peças de 350<sup>mm</sup> em 4 torres na direcção longitudinal ; 16 de 152<sup>mm</sup> ; 16 de 76<sup>mm</sup> e 8 tubos para lançar torpedos.

**Torpedeiros e submersiveis.** — Foram encomendados a estaleiros ingleses Armstrong dois caça-torpedeiros e aos estabelecimentos Schneider de Creusot em França, dois submersiveis do tipo mais moderno de 450/600 toneladas.

Parece tambem certo que o Japão pretende dentro de pouco tempo cons-truir em seus arsenais navios destes tipos.

O novo programa para 1914, prevê a construção de três novos couraçá-

dos tipo Fuzo de 31.300 toneladas, 22 milhas, 12 peças de 35<sup>cm</sup>,6 e 45 calibres, 16 de 15,2 e 50 calibres, os quais serão construídos um no Arsenal imperial de Jokosuka e os dois outros nos estaleiros particulares de Mitsubishi e de Kanasaki. As peças de 35<sup>cm</sup> e meio serão construídas em Kuré. Por esta forma o Japão disporá em 1917 de 6 dreadnoughts e 6 couraçados rápidos.

O orçamento da marinha para 1913-1914 é de 263.380.000 francos enquanto que no ano findo foi de 256.360.000.

### Roumania

A marinha romaica vai receber um novo impulso, em consequencia do seu tratado com a Bulgaria que lhe aumentou o litoral no mar Negro.

A nova esquadra compreenderá seis pequenos couraçados rápidos de 4.000 toneladas, doze torpedeiros de alto mar, e quatro monitores e oito vedetas para o Danubio. Os efectivos serão aumentados e o porto de Constantza posto em estado de receber a nova esquadra.

A despêsa a realizar será de 100 milhões de francos.

A marinha militar romaica é administrada por uma secção do ministerio da guerra. Tem porém o seu orçamento especial que há pouco era de francos 1.600:000, mas que actualmente está já em 5 milhões de francos.

### Russia

O couraçado *Imperatriz Maria* foi lançado ao mar em Nicolaieff a 3 de novembro corrente.

Iniciado no estaleiro a 30 de outubro de 1911, é o primeiro lançado duma série de três couraçados que compreende, além daqueles, o *Alexandre III* nos estaleiros de Iwanoff Bunge (filial da Sociedade inglesa John Brown de Clydebank) e o *Ekaterina II* na Sociedade dos estaleiros navais (Vickers e sociedades francesas).

Estes navios derivam do tipo *Gangutt*, cuja artilharia é a mesma, e com a mesma disposição, mas com duas milhas de velocidade a menos.

Tem porém mais grossura os couraçamentos.

O esquema junto representa a disposição da artilharia e couraçamento.

O quadro comparativo seguinte, põe em confronto as características dos dois tipos.

---



---

## BIBLIOGRAFIA

### I — LIVROS

#### Alemanha

- 1 JOH-STEBS. *Soldatenleben und Charakterbildung*. Ein Handbüchlein für die Kaserne. M.-Gladbach. 1913. Geb M. 0,40
- 2 MOYZISCHEWITZ. *Französischen Sprachführer Unteroffiziere und Manschaften*. Oldenburg i. Gr. 1913 M. 0,25
- 3 FABRICIUS, BESANÇON. *Pontarlier*. Teil II, 3. Buch. Geh. 7 M., geb 8,50
- 4 HOLN. *Befreiungskrieg 1813 und 1814*. Wien 1913. Kr. 20
- 5 HODERLEIN. *Anleitung zum Krokieren, Kartenlesen und für Geländeerkundung*. Nürnberg. 1913. Kart M. 2,50



- 6 ELSNER V. GRONOW. *Leitfaden für Gerichtsoffiziere*. Berlin. 1914. Geh. 3 M., geb. M. 4
- 7 GROFSEER GENERALTS. *Kriegsgeschichtliche Einzelschriften*. Heft 49. Mit Karten. Berlin. 1913 M. 6
- 8 FRHR V. D'OSTEN-SAKEN U. V. RHEIN. *Preussens Heer von seinen Anfänger bis zur Gegenwart*. III. Band. Das preussisch-deutsche Heer bis zur Gegenwart. Berlin. 1914. Geh. 10 M., geb. M. 11,50
- 9 ENDRES, MOLTK (Sammlung: *Aus Natur und Geisteswelt*). Leipzig. 1913. Geb. M. 1,25
- 10 WERNIGKS. *Taschenbuch für die Feldartillerie*. 26. Jahrgang. 1913. Berlin. 1913 M. 2,45
- 11 IMMANUEL. *Taktische Aufgaben für Übungen und Kriegsspiel in Verbänden aller Art bis zum Armeekorps einschliesslich*. Vierte Auflage. Berlin. 1913 M. 9
- 12 *Heere und Flotten aller Staaten der Erde*. XII. Jahrgang. 1913. Berlin. 1913 M. 2
- 13 TETTAU. *Kuropatkin und seine Unterführer*. Zweiter Teil. Von Liaoyan bis Mukden. Berlin. 1913 M. 9

## França e Belgica

- 1 *Avancement dans l'armée. Tableaux d'avancement et de concours*. Supplément arrêté au 31 décembre 1912. In-8.°, 8 p. Charles-Lavauzelle. Paris C. 25  
«Bulletin officiel du ministère de la guerre». Edition méthodique n.° 22 bis (supplément).
- 2 ROZET (capitaine breveté H.). *La Bataille d'Isley* (14 août 1844). Avec 24 gravures dans le texte et 1 portrait hors texte. In 8.°, 184 p. 1913. Charles Lavauzelle. Paris Fr 3
- 3 SCHWEITZER (M. N.). *A propos du centenaire de la campagne de Russie*. La Courlande en 1812 et l'armistice de Taurogen. In-8.°, 15 p. Impr. Daupeley-Gouverneur. Nogent-le-Rotrou. 1913.  
Extrait de la «Revue historique» t. 112, année 1913.
- 4 HERMENT (général). *L'État des forteresses belges et sa répercussion sur la défense de notre frontière du Nord*. In 8.°, 131 p. avec plan et cartes. Charles-Lavauzelle. 1913. Paris Fr. 3
- 5 RVIBAUD (commandant J.) chef d'escadron d'artillerie et J. E. ESTIENNE (lieutenant colonel). *Navier et le Vol des oiseaux*. In-8.°, 27 p. Berger-Levrault. Paris. 1912.  
Extrait de la «Revue d'artillerie» février 1910.
- 6 EFÉE (J. d'). *Une méthode d'instruction pour la cavalerie*. La Gymnastique du groupe In-8.°, 48 p. M. Imhaus et R. Chapelot. 1913. (17 juillet) Fr. 1,25
- 7 *État militaire du corps de l'artillerie* Mis à jour jusqu'au 10 avrii en qui concerne les positious. Les listes d'ancienneté sont arrêtées au 31 décembre 1912, sauf celles des lieutenants et souslieutenants qui sont arrêtées au 6 janvier 1913. Les numéros des officiers correspondent à ceux de l'Annuaire officiel de l'armée française. In-8.°, XLVIII-1256 p. Berger-Levrault Paris.
- 8 HERR (général). *La Guerre des Balkans. Quelques enseignements sur l'emploi de l'artillerie*. Avec deux planches hors texte. In-8.°, 39 p. Berger-Levrault. Paris.  
Extrait de la «Revue d'artillerie» février, 1913.
- 9 NITZEL (F.) ancien sous-officier au 31<sup>e</sup> dragons, président de la Société «les Anciens Dragons». *Les Dragons. Historique de l'arme et du costume*. In-16, 38 p. 1913. 32, rue Turbigo. Paris C. 50
- 10 VACHÉE (colonel). *Napoléon en campagne*. Avec 2 cartes de l'époque impériale et un croquis. In-8.°, VII-218 p. Berger-Levrault. Paris. Fr. 4  
Extrait de la «Revue militaire générale».

- 11 VASSIAS (capitaine J.) de réserve. *Historique du 69<sup>e</sup> régiment d'infanterie (1672-1912) d'après les Archives historiques du ministère de la guerre, les documents des affaires étrangères, les Archives nationales et les papiers de famille.* In-8.°, 431 p avec 19 gravures dans le texte et 12 croquis hors texte. M. Imhaus et R. Chapelot. Paris. 1913 (17 juillet) Fr. 5
- 12 VI. LATTE DES PRUGNES (R.) *Les Effectifs de la Grande Armée pour la campagne de Russie de 1812.* In-8.°, 43 p. 1913. Alphonse Picard et fils. Paris.  
Extrait de la «Revue des études historiques» (mai-juin 1913).
- 13 THOUMAS (général). *Causeries militaires* (5<sup>e</sup> série). Berger-Levrault. Paris Fr. 3,50
- 14 REIEACH (Joseph) député. *L'Armée toujours prête.* Berger-Levrault. Paris. 1913 Fr. 3,50
- 15 LANNESAN (J. de) député. *Nos forces militaires.* Alcan. Paris. 1913 Fr. 3,50
- 16 ROUX (F.). *L'Aviation enseignée par la structure.* Berger-Levrault. Paris. 1913 Fr. 3

## Inglaterra

- 1 *Government Publications:*
- MILITARY *Civil Employment Regulations.* War Office, 1913 1d
- *Handbook of the 18-Pr. Q.F. Gun.* Land Service, 1913 1/
- *Field Kits. Officers and Men of the Territorial Force,* 1913 1d
- *Amendments, 1st October, 1913. Regulations for Army Ordnance Services.* Part II., 1908 1d
- *Colehester Garrison Standing Orders,* 1913 9d
- *Changes in Peace Establishments, Part II.,* 1913-14 1d
- *Peace Establishments* Part III. *Departmental and Miscellaneous Regular Establishments and Instructional Institutions,* 1913-14 2d
- *Peace Establishments.* Part IV. *Headquarters Establishments.* Home, Colonies and India, 1913-14 3d
- *Peace Establishments.* Part V. *Establishment of Commands Abroad and Summaries of the Military Forces of the Crown,* 1913-14 2d
- *Field Service Manual,* 1913. Signal Service — *Signal Company* (with Division). Expeditionary Force 3d
- *Regulations relating to the Study of Foreign Languages,* 1913 2d
- *Remount Manual* (War) 2d
- ADMIRALTY. *Regulations for the Royal Naval Reserves (Officers).* (Revised to 30th September, 1913). Addenda. 1913 1d
- *The British Columbia Pilot, Vol. I.,* including the Coast of the United States and of British Columbia from Cape Flattery, Juan de Fuca Strait, to Cape Caution, together with Vancouver Island and the Inner Passages between it and the Mainland, 1913 4/
- *North Sea Pilot, Part I.,* 1910. Supplement (Corrected to 25th September. 1913).
- *The Mediterranean Pilot, Vol. I.* Comprising Gibraltar Strait, Coast of Spain, African Coast from Cape Spartel to Gulf of Gabes, the Balearic Isles, Sardinia, Sicily, and the Maltese Islands. 5th ed 4/
- *Supplement, 1913, to the Arctic Pilot, Vol. II.* 2nd ed. Corrected to 25th September, 1913.  
*Gratis to Purchasers of Arctic Pilot, Vol. II.*
- *Supplement 1913, relating to the Africa Pilot, Part II.* Corrected to 29th September, 1913.  
*Gratis to Purchasers of Africa Pilot, Part II.*
- *Supplement, 1913, to the Bay of Bengal Pilot.* 4th ed Corrected to 27th September, 1913.  
*Gratis to Purchasers of Bay of Bengal Pilot.*

- *Russtan and Japanese Prize Cases arising out of the Rusoo Japanese War, 1904-5*. Vol. II Japanese Cases 15/  
 2 ATTERIDGE (A. Hilliard) *Famous Modern Battles*. 12mo, pp. 480, and maps Nelson net 7d

## II — PERIODICOS

### Portugal

- 1 *Anais do Club Militar Naval*, n.ºs 9 e 10, de setembro e outubro de 1913. Duas palavras sobre o porto de Macau. Administração central de marinha. Experiencias de velocidade. Marinhas militares. A organização do corpo unico de oficiais. Tubos de lançamento de torpedos do cruzador japonês *Kongo*. Tabuas de Guyon para o calculo do ponto. Anotações sobre a aplicação da analise harmonica ás marés. Contra-torpedeiro *Douro*. A catastrophe do paquete inglês *Volturmo*. Uma grande catastrophe na marinha de guerra brasileira. A catastrophe do dirigivel de marinha alemã *Zeppelin L 2*. Necrologia.
- 2 *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.ºs 7 a 9, de julho, agosto e setembro de 1913. Macau, joia do Oriente. O canal de Panamá. Some of the coast regions about to be made more accessible by the opening of the Panamá Canal. Vocabulario português-Alolo-Lomué. Colonias portuguesas em países estrangeiros. Rapport sur les iles Formosa, Caraxa e Caravela. O desenvolvimento agricola das colonias alemãs. Ideias, factos e homens.
- 3 *O Instituto*, n.º 10, de outubro de 1913. Memorias de Castilho. Artes industriais e industrias portuguesas. — I Ourivesaria. Memórias archeologico-historicas do districto de Bragança. O Fausto de Goethe.
- 4 *O oriente português*, n.ºs 7 e 8, de julho e agosto de 1913. Flores das Lusiadas. Documentos para a historia da Inquisição de Goa.
- 5 *Revista aeronautica*, n.º 4, de julho-agosto de 1913. O aviador português D. Luiz de Noronha. Uma lapide em homenagem a Augusto Severo. Festa comemorativa de Bartolomeu de Gusmão. Escolas e Campos. Aeronautica em Portugal.
- 6 *Revista de artilharia*, n.º 113, de novembro de 1913. Uma solução do problema balístico. A artilharia suissa nas manobras de 1912. Estudo elementar da dispersão, probabilidade e efeitos do tiro. A instrução das unidades de artilharia da defeza terrestre de Lisboa. Comemoração centenaria da guerra peninsular.
- 7 *Revista de infantaria*, n.º 11, de novembro de 1913. Instrução militar preparatoria. A inteligencia e vontade na guerra. Granadas asfixiantes. A fisiologia da marcha. Maximas para o comando.
- 8 *Revista de medicina veterinaria*, n.º 141, de novembro de 1913. Sobre deis casos de rutura do estomago, no cavallo. Excursão de clinica ambulatoria a Galveias pelos alunos do 4.º e 5.º anos dos curso de medicina veterinaria. Gado bovino da Africa portuguesa para consumo de Lisboa.

### Alemanha

- 1 *Artilleristische Monatshefte*, n.º 83, de novembro de 1913. Schiebplatzrückblick 1913. Uber Stellung und Lösung von Schiebaufgaben. Die Artillerie im Balkankriege. Die Tätigkeit der russischen Faldartillerie im Kampfe. Skutari. Der Anfang des Feldartillerieregiments Prinz August von Prenben.

### Argentina

- 1 *Revista militar*, n.º 249, de outubro de 1913. Tema de exploracion estrategica, desarrollado por los alumnos de la Escuela de Caballeria durante la campaña de instruccion. Las armas de fuego consideradas

como motores de explosion. Pruebas y metodos de analisis de polvos sin humo. Enseñanzas que surgen de las dos guerras balcanicas.

### **Austria-Hungria**

- 1 *Die Flagge*, n.º de novembro de 1913. Energische Stellungnahme des Osterreichischen Flottenvereins zur Canadian-Pacific-Affäre. Schiffbau-programme kleinerer europaischer Merinen. Einiges über unser Marineflugwesen. Die Verzögerungen im italienischen Kriegsschiffbau. Der Untergang des Danippers *Volturno*. Unterseeische Bilder. Einiges über Seemannssagen. Das rüde des Kontinentalismus in Osterreich. Die k. u. k. Escader vor Abbazia. Max Freihur von Kübeck. Die Bergung und Reparatur des Dampfers *Royal George*. Die selweizerische Handelsmarine in der Vargangenheit und in der Gegenwart. Spalato im Lande der Sonne. Amerikanischer Flottenstandard. Espinderles. Stapellauf eines deutschen Forschungsbootes für das Mittelmeer. Flottenvereins. Taschenkalender. Flottenkalender 1914.

### **Belgica**

- 1 *Bulletin de la presse et de la bibliographie militaires*, n.ºs 707, 708 e 709, de 31 de outubro, 15 e 30 de novembro de 1913. Le budget de la guerre de 1913 en France. La nouvelle loi militaire allemande du 3 juillet. La nouvelle loi française pour le service de 3 ans. Quelques renseignements fournis par l'emploi de l'aviation dans la guerre des Balkans. Vaincre, c'est conserver l'initiative, c'est-à-dire attaquer. Considerations sur le concept défensif-offensif. Une méthode d'entraînement de chevaux de troupe. Caractéristiques et propriétés militaires des divers types de ballons dirigeables.

### **Brazil**

- 1 *Boletim mensal do Estado Maior do exercito*, n.º 5, de novembro de 1913. Notas editoriaes. Schama das relações existentes entre os chefes do serviço de saude e os comandos das unidades. Direcções de recataguarda e formações sanitarias. As heroínas do Brazil. Conferencia. Para a artilharia. Tactica de infantaria. Ligeiras considerações sobre o nosso regulamento de exercicios para a infantaria. Grandes soldados do Brazil. Café. Notas sobre a infantaria alemã. Nuvem migrante.
- 2 *O tiro*, n.º de agosto de 1913. General Cruz Brilhante. Programma do Campeonato de Tiro de 1913. Ferimentos em Campanha. Boletim da Confederação do Tiro. Mappa demonstrativo das Sociedades de Tiro confederadas. Importancia da infantaria. Regulamento de exercicios para infantaria. Informaçoes officiaes.
- 3 *Revista marítima brasileira*, n.º 4, de outubro de 1913. Dolorozo acontecimento. Santa Catharina na marinha. Da cultura do tiro no mar. Organização do serviço radiotelegraphico na marinha. Um novo projecto marítimo muito bom ou muito mau. A hygiene naval brasileira.

### **Chile**

- 1 *Memorial del Estado Mayor del ejercito de Chile*, n.ºs de outubro e novembro de 1913. Consideraciones sobre el servicio de exploracion. El servicio administrativo del ejercito. Opiniones alemanas sobre la guerra moderna. Explosivos. Experiencias sobre el empleo de los aeroplanos en ayuda del tiro de artilleria, en los Estados-Unidos. Revista de instruccion a los cuerpos de artilleria por los commandantes de Division en Alemania. Noticias del Ejercito aleman. Algunas ideas sobre construccion de zanjas para tiradores. Experiencia de traccion con la artilleria de campaña en el desierto. Tema de invierno en el año de 1913.
- 2 *Revista de marina*, n.º de 31 de outubro de 1913. Guerra naval. Lanzamiento de torpedos por salvas a gran distancia. Discussion sobre un estudio del desarrollo del método para encontrar una recta de altura.

Ingenieros técnicos. Necesidades que se hacen sentir. Artillería terciaria en los acorazados modernos. Todos torpedos. Aplicación de la telegrafía sin hilos para la transmisión de la hora. Servicio internacional de la hora i comparaciones radiotelegráficas. Sobre aprovisionamiento i pertrechos para la armada. Notas de higiene. Sobre los transportes de la armada. Relaciones de las fortificaciones de costa con la estrategia naval. Informaciones técnicas de la armada. Algo sobre nuestros nuevos destroyers.

### Colombia

1 *Memorial del Estado mayor del ejército de Colombia*, n.º de noviembre de 1913. Ofensiva e iniciativa. El ejercicio del comando. El peligro del esquema y el de la adopción inconsulta. Medición de alturas. Valuación del efectivo de una tropa en marcha. Bajo el fuego con los turcos. Congreso internacional. Forma en que debe cumplir su cometido el oficial explorador de artillería. Entre los ríos *Negro* y *Minero*. Exploración hidrográfica. Espadas de Bolívar. Conocimiento de distancias. Psicología de un comandante en jefe (Napoleón Bonaparte). Al través de la prensa militar. En el ejército.

### Ecuador

1 *Boletín del Estado mayor general*, n.ºs 4 e 5, de julio e agosto de 1913. La reforma militar. Arte militar e Militarismo? Les maniobras de 1912 en el Brasil. Después de las batallas de Tracia. La acción gubernativa. Sin disciplina no hay ejército. Una ojeada á la historia militar de Inglaterra, hecha por un inglés. Arte militar extranjera. Mensaje del Presidente de la República sobre reformas a la Ley de retiros. Mensaje sobre creación de instrucción nacional de tiro al Uanco. Fiestas Patrias. Participación de Ejército. La condecoración Municipal al mayor individuo da tropa de cada cuerpo residente en Quito. Los Concursos desportivos. Repartición de premios y despedida de las equipas. Las organizaciones militares extranjeras. La Belgica militar. Organización de su ejército. Institutos de Instrucción. Fabricos militares.

### Espanha

1 *Boletín de intendencia e intervencion militares*, n.º 24, de noviembre de 1913. Empleo de la carne congelada y de la carne de caballo por los ejércitos en campaña. El ingreso en el cuerpo de Intervención militar. Carlos Tellier inventor del frío industrial. La Intendencia militar en las maniobras francesas.

2 *Estudios militares*, n.ºs 4 e 5, de outubro e noviembre de 1913. Psicología militar. Memoria hecha sobre la base de apuntes tomadas durante el curso de 1911 en la Escuela de tiro de Infantería. Las grandes maniobras francesas en 1912. La guerra en los Balkanes. Estudio del haz colectivo. Tactica de huelgas. Bosquejos sociales: Los discipulos. Reglamento de tiro de metraladoras en el ejército austro-hungaro. El enlace de las armas en el campo de batalla. Instrucción metódica de cuadros y de los alumnos cabos. El problema artillero español. Ensayo de organización de la artillería de campaña. Importancia del factor moral en la guerra.

3 *Información militar del extranjero*, n.º 5, de noviembre de 1913. Proceso y estado actual de la navegación aérea en las principales potencias da Europa. Extracto de una memoria sobre el ejército rumano. El ejército alemán en tiempo de paz.

4 *Memorial de artillería*, n.º de outubro e noviembre de 1913. Dos nuevos procedimientos para apreciar distancias. El progreso del acero de útiles. Los aeroplanos en el tiro de artillería de campaña. Notas sobre la aviación artillera. Notas de ingeniería. El desplazamiento del centro de presión en las superficies delgadas móviles en el aire.

5 *Memorial de infantería*, n.º 23, de noviembre de 1913. Mis lecturas. El

- coronel Cadolso. Estudio militar de las fronteras españolas. Episodios de la guerra de la Independencia. Las enlaces en el campo de batalla. Operaciones en Yebala. Memoria de la vigilancia de una línea férrea. Gemelos regulamentarios para Infantería. Pistolas automáticas.
- 6 *Revista científico-militar*, n.ºs 21 e 22, de 10 e 25 de noviembre de 1913. Nuevos métodos en nuestras guerras irregulares, Estudios históricos referentes al séptimo centenario de la batalla de las Navas de Tolosa. Una medida trascendental. Aspectos de la disciplina. Explosivos á base de aire líquido. Comandancias de líneas ferro-viarias en Austria Hungría. Question discutida. Los sistemas de dirigibles rígidos Spiess y Zappelin. Condiciones para el ascenso de los tenientes-coroneles en Italia. La fortificación en las guerras napoleónicas.
- 7 *Revista de caballería*, n.º de noviembre de 1913. Riqueza agrícola y pecuaria del Garb español. Estudios tácticos. El perro de guerra en Marruecos. Conclusiones de la Memoria descriptiva del concurso de marchas realizadas por las baterías de campaña de la primera región en Noviembre de 1912. Ametralladoras afectas á la Caballería. Memoria presentada por el Capitán del cuarto depósito de sementales D. Alvaro de Prendes Gonzalez, sobre las pruebas efectuadas por el ganado del mismo.
- 8 *Revista internacional militar*, n.ºs de setembro e outubro de 1913. Lanzamiento de cuerpos explosivos desde globos y aeroplanos. La adopción de un bote de metralla para la artillería de campaña y de montaña italiana. La aerostación en Dinamarca. Dotación y reemplazo de municiones en la artillería de campaña. Los obuses de campaña. Comentarios. Defensa de un puerto fortificado contra los dirigibles y aeroplanos. Consideraciones sobre la artillería pesada da Austria-Hungría. Nuevas defensas de costas de Holanda.
- 9 *Revista técnica de infantería y caballería*, n.ºs de 1 e 15 de novembro de 1913. Estudios sobre táctica de infantería. Las enseñanzas de la campaña de Mandchuria. Ascensos y recompensas. El nuevo Reglamento inglés para el servicio en campaña. Labor militar en la Guinea española. Manual de telegrafía militar.

### França

- 1 *Journal des sciences militaires*, n.ºs 141 e 142 de 1 e 15 de novembro de 1913. Etude sur las conséquences de la nouvelle organisation de la Cavalerie. Commandement des batteries au tir. Souvenir des faits de guerre du 60.º régiment d'infanterie de Zamore pendant la guerre russo-japonaise (1904-1905). Notes pour servir à l'étude méthodique d'un règlement de manœuvres. Mitrailleuses d'infanterie. Technique nouvelle pour l'infanterie. Le feu à la cavalerie et la cavalerie sous le feu. L'uniformité de la tenue en campagne.
- 2 *Le revue d'infanterie*, n.º 323 de 15 de novembro de 1913. Le fantassin à l'instruction. Le fantassin en campagne dans les principales armées. Serbie. Organisation des champs de tir. L'infanterie légère.
- 3 *Le spectateur militaire*, n.ºs 555 e 556 de 1 e 15 de novembro de 1913. Napoléon organisateur. Instruction pour le traitement, le dressage et l'emploi des chiens de guerre. Waterloo. Opinions allemands. Combinaison des efforts de l'infanterie et de l'artillerie. Les transports saharicus.
- 4 *L'Opinion militaire*, n.º 72 de 10 de novembro de 1913. Appel au parlement. Il faut finir avec la question des soldes. Les méfaits de «l'Urgence» La militarisation dans les S. A. G. Waterloo, d'après le major-général anglais Robinson. La politique étrangère.
- 5 *Les archives militaires*, n.º 7 de julho e setembro de 1913. Index méthodique des articles. Index par pays étrangers. Revue trimestrielle. Memento chronologique. Revue critique et bibliographique de la littérature militaire.
- 6 *Revue d'artillerie*, n.º de novembro de 1913. Contribution à l'histoire

- de l'artillerie. Note sur l'emploi de l'artillerie dans la guerre des Balkans. Les fusées mécaniques. Tendances actuelles en Allemagne au sujet de l'artillerie lourde. Propriétés de coupe des aciers à outils.
- 7 *Revue de cavallerie*, n.ºs de outubro e novembro de 1913. Auteor d'Andrinople reconquise (septembre 1913). Un rassemblement bloqué (16 août 1870). Les étapes de la conversion d'un houzard. Le père de Foucauld. Combat de cavalerie (études). A propos d'un livre récent. Une page d'histoire. Manœuvres d'ensemble de cavalerie en 1913 dirigées par M. le général Sordet. Nos chefs: Le général Aubier. Le général de Brack (Complément de tout ce qui a été écrit à son sujet jusqu'à ce jour). La cavalerie espagnole. Un rapport de 1847. Opinions. A propos des manœuvres de cadres. Libres propos. Gare aux échelons.
  - 8 *Revue d'études militaires*, n.ºs 13 e 14, de 1 e 16 de novembro de 1913. L'année nouvelle. L'Oral. Directives. Documentation. Indications diverses. Sujets de devoirs proposés.
  - 9 *Revue du génie militaire*, n.º de novembro de 1913. La fortification dans la guerre napoleonnienne. Renseignements sur la télégraphie militaire dans les armées étrangères. Calcul des hauteurs par les observations barométriques. Dispositif destiné à éviter des sonnillures aux eaux des puits des forts. Nécrologie. Construction, etc. Sciences physiques, etc. Histoire, etc.
  - 10 *Revue d'histoire*, n.º 155, de novembro de 1913. L'instruction de l'infanterie au début de la guerre de Septans. La Campagne de 1794 dans les Pays-Bas. L'organisation de la Grande Armée de 1813. Campagne de 1814. Le guerre de 1870-71.
  - 11 *Revue militaire des armées étrangères*, n.ºs 1031 e 1032 de outubro e novembro de 1913. Le nouveau règlement d'équitation du 29 mai 1912 pour l'armée allemande. Le budget de la guerre pour 1913-1914 devant le parlement italien. Le budget de l'empire allemand pour 1913. L'armée danoise en 1913.
  - 12 *Revue du service de l'intendance militaire*, n.ºs de setembro e outubro de 1913. Essai sur l'alimentation en campagne. L'administration de l'armée anglaise pendant la guerre de Crimée. Note sur l'examen des farines de l'armée. Note sur l'odeur des avoines.

### Guatemala

- 1 *El Porvenir militar*, n.ºs 4 e 5, de outubro e novembro de 1913. La oficialidad. Honor militar. Paso á los héroes. Nuevo gobernador. Actividad en acción. Entre nosotros. Tenemos necesidad de ejército y armada. Asociaciones militares. Actualidad militar. Sobre el mismo tema. Manifestaciones exteriores de respeto. El militarismo en la escuela de varones. Tenemos necesidad de buenos cuadros de oficiales. Disciplina militar. Actualidad militar.

### Italia

- 1 *Rivista di artiglieria e genio*, n.ºs de setembro e outubro de 1913. Armamento delle opere costiere. Loro azioni per respingere l'attacco di una flotta moderna. Considerazioni sugli apparati di telegrafia ottica. Dotazione, ripartizione e rifornimento delle munizioni nell'artiglieria leggera campale. I motori a scoppio ed in particolare quelli per l'aeronavigazione. Concorso a premio indetti dalla *Rivista d'artiglieria e genio* per l'anno 1914. L'influenza dello sforzo longitudinale sulla resistenza elastica delle artiglierie. L'arma del genio nella prima metà del secolo XIX. Sull'errore di preparazione nel tiro di costa. Organizzazione delle batterie da costa.
- 2 *Rivista di cavalleria*, n.º de novembro de 1913. La guerra nell'aria. Nebulosità ed illusioni nell'impiego della cavallerie. La cavallerie di altri tempi. Note sull'impiego della cavallerie nelle grandi manovre francesi e tedesche del 1912. In Russia, Svezia e Danimarca.

## Mexico

- 1 *Boletim de ingenieros*, n.º 2, de outubro de 1913. A la memoria del pundonoroso jefe y compañero de armas el señor Major D. Emilio Gonzáles. Cómo organizar la defensa de una poblacion? Refutaciones a un artículo del Capitan Cervantes. Los aviadores militares mexicanos. Epitome rudimentario de tiro de Artilleria. Método para proyectar presas de derrame. Dinamica de los globos dirigibles. Aprendizaje de sobrestantes y maestros de obras. Estudio sobre la telegrafia y la telefonía en general y sus aplicaciones en campaña.

## Noruega

- 1 *Norsk militaert tidsskrift*, n.º 11, de novembro de 1913. Den nye maa-lestok. Forbindelsestjenesten i den bulgarsks armé. Et utkas til organisations og ovelsesordning. Det femte vaaben under aerets hostmanovrer. Lægetjenesten under regimontsamling. Meddelelzer fra ind-og utland.

## Perú

- 1 *Boletín del ministerio de guerra y marina*, n.ºs 18 e 19, de 30 de setembro e 15 de outubro de 1913. Conferencias de la Escuela superior de guerra. Guerra de los Balkanes.

## Rumania

- 1 *Buletinul armatei si marinei*, n.º 11, de novembro de 1913. Pentru onorabilu cititori ai revistei. In chestinnea scolii de cavalerie. Cronica politica. Revista Presci. Recrutarea tinerilor Musulmani dobrogeni in armata. O caracteristica a politicianismului — Un apel, Sosese recrutii. Marunte' Opiterii si comenduizile.
- 2 *Romania militara*, n.ºs de setembro e outubro de 1913. Cronica. Noui probleme de organizare. Automobile. Motociclete. Biciclete, utilitatea lor militare. Regulamentul serviciului in companie rus din anul 1912. Pod peste Dufiare la Harsova Studiul istorici resboaclor. Principiile razboiului si ideile artileristice in crus. Comunicarila recunoesteri militare prin «Crochiuri panoramice». Rosiorii nostri. Note asupra operaturnilor armatei noastre in Bulgaria in anul 1913. Caracteristicale generale ale unora din institutiunile noastre militare. Panica in razboin. Insemnarile unui ofiter au aprovizionarea. Cum doresc si cer francezii sa pie regulamentul de manovra si lupta al infanteriei lor. Instructiunile dote de ministerul de razboin francez pentru serviciul de arbitraj la manevrele de toamna. Resfoind ziare si reviste romane si straine.

## Salvador

- 1 *Memorial del ejercito de El Salvador*, n.º 8, de agosto de 1913. La milléssima. Una obra de actualidad. Revista de instruccion. A los señores oficiales del curso de aplicacion. El general Eydoux. Deberes de los jefes y oficiales del ejercito. La campaña de Tracia.

## Uruguay

- 1 *Revista del centro militar y naval*, n.º 114 de outubro de 1913. Armada nacional. Fecundas iniciativas. Para ayudarte en el comando de tu Compañia. Las garas de tiro en la marina italiana. Una resolución importante del Supremo tribunal militar. Reglamento general de practicas. Al margen de las Revistas. Exploracion de la atmosfera con globos *Pilotos*. El biplano *Dune*. Cuestion juridica. Patria y ejercito. Cronica del centro.